

A FICÇÃO, O LEITOR E A REALIDADE SOCIAL: uma proposta de abordagem de *A Odisseia de Penélope*, de Margaret Atwood, para o Nono Ano do Ensino Fundamental.

Edneia Aparecida Amâncio
Elza de Sá Nogueira



Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Amancio, Edneia Aparecida.

A ficção, o leitor e a realidade social: uma proposta de abordagem de A Odisseia de Penélope, de Margaret Atwood, para o Nono Ano do Ensino Fundamental. / Edneia Aparecida Amancio. -- 2023.

69 p.

Orientador: Elza de Sá Nogueira

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Letramento literário. 2. Repertório literário. 3. Adaptação. 4. Leitor literário. 5. Voz feminina. I. Nogueira, Elza de Sá, orient. II. Título.

Ficha técnica

Organizadores

Carolina Alves Fonseca

Daniela da Silva Vieira

Elza de Sá Nogueira

Érika Kelmer Mathias

Luciana Teixeira

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Natália Sathler Sigiliano

Patrícia Pedrosa Botelho

Thais Fernandes Sampaio

Universidade Federal de Juiz de Fora

Mestrado Profissional em Letras

2023

Apresentação da coleção

Natália Sigiliano

Anualmente, o mestrado profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Juiz de Fora lança uma coleção de cadernos pedagógicos. Tais cadernos são resultado de reflexões, propostas e intervenções em sala de aula de língua portuguesa e foram produzidos por professores pesquisadores.

A coleção com que você se depara neste momento foi constituída por uma turma de professores da rede básica pública de ensino, a qual se vinculou ao mestrado em meio a um cenário de pandemia de Covid-19 no Brasil. Após um ano marcado por muita dor, 2021 veio trazendo um renovo de esperança de vida para o nosso país, com o avanço das vacinações e a redução dos índices de morte provocada pelo vírus.

A esperança de retorno ao “novo normal” também se fez presente nas escolas e nas universidades. Em um grande esforço para repensar a dinâmica da sala de aula frente a todo temor provocado pela pandemia, as escolas, durante o ano de 2021, retomaram as aulas presenciais, promovendo configurações diferenciadas de ocupação da sala de aula. Junto a isso, as aulas da pós-graduação na universidade foram realizadas de forma remota e, frente a esse cenário, a coordenação nacional do PROFLETRAS permitiu a produção de trabalhos propositivos no âmbito do mestrado profissional.

Sendo assim, nesta coleção, você encontrará tanto trabalhos que foram aplicados em sala de aula quanto abordagens propositivas, todos eles caros a contextos reais de aulas de língua portuguesa e literatura do ensino básico público brasileiro. Todos, além de despontarem de necessidades específicas de seus contextos de ensino, revelam abordagens pautadas em referenciais teóricos sólidos e contemporâneos, os quais podem ser conhecidos, com maior robustez, por meio da dissertação a que se atrelam.

Voltados para professores, estes cadernos foram produzidos para serem lidos, usados e adaptados para novos contextos, promovendo, assim como ocorreu com cada um dos professores-autores dos materiais, transformação profissional advinda de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas.

Apresentação do projeto

Caro Professor, Cara Professora

Este caderno pedagógico foi elaborado a partir de reflexões sobre a leitura literária na sala de aula. Mais especificamente, ele se originou da percepção de que muitos estudantes do Ensino Fundamental demonstram não ter consciência das especificidades do discurso ficcional e, como consequência disso, muitas vezes não compreendem o papel de leitor que lhes é proposto por diferentes obras.

Assim, a abordagem desenvolvida neste caderno tem como objetivo propiciar aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental experiências de leitura literária nas quais eles possam exercitar conscientemente o papel do leitor no pacto ficcional. Foram escolhidas, para isso, as obras Ruth Rocha conta a Odisseia (2011), de Ruth Rocha, e A Odisseia de Penélope (2020), de Margaret Atwood, ambas adaptações da Odisseia de Homero, que é, ao lado da Ilíada, uma das duas obras fundadoras da ficção ocidental.

A primeira é uma adaptação para o público infantil e juvenil da obra homérica, na qual Ruth Rocha assume o papel de contadora dessa história. A autora mantém a estrutura original da Odisseia, em três partes, com enredo não linear, bem como os valores sociais pressupostos na narrativa, pois seu interesse é, primordialmente, tornar acessível ao público infantil e juvenil a obra canonizada pela tradição literária ocidental. Já a obra de Margaret Atwood é uma releitura da Odisseia sob a perspectiva de Penélope e das escravas assassinadas na Parte III da obra original, com o objetivo de oferecer pontos de vista femininos da história, antes silenciados –ainda mais violentamente no caso das escravas. A obra de Atwood, portanto, coloca em pauta valores sociais diferentes daqueles vigentes na obra original.

Não é difícil perceber que as duas obras propõem papéis bem diversos ao leitor, foco da abordagem aqui proposta. Ela foi pensada para ser desenvolvida com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, o que não impede que seja adaptada para outras séries, incluindo o Ensino Médio. Pretendemos oferecer ao aluno experiências de letramento literário envolvendo essas duas obras de ficção muito potentes, cada uma a seu modo, bem como a possibilidade de ampliar seu repertório, tanto o literário quanto o de valores sociais.

As teorias sobre o ato de ler e o sobre o papel do leitor no jogo ficcional (ISER, 1996; CORRÊA, 2016; JOUVE, 2002, 2013), de repertório literário (ZOHAR, 2013; ISER, 1996), de letramento literário (PAULINO, 2002; PAULINO e COSSON, 2009; COSSON, 2021) e de adaptação (HUTCHEON, 2013; COLOMER, 2007) permeiam todo o processo e foram de suma importância para o desenvolvimento das atividades, que tem como objetivo principal desenvolver no aluno uma maior consciência sobre o ato de ler literário. Na dissertação anexa a este caderno, é possível inteirar-se da fundamentação teórica e metodológica desta proposta pedagógica.

Assim, este caderno tem como intuito possibilitar que outros docentes também possam trilhar esse caminho, levando seus alunos a experienciar a leitura literária como meio de reconhecimento de si e de humanização, conforme a perspectiva de Antonio Candido (1995). Sabemos que não esgotam aqui as ricas possibilidades de trabalho com as obras em questão, e seu compromisso e experiência como docente, caro professor, cara professora, poderá ampliar essa proposta e adaptá-la a sua realidade e a de seus alunos.

Aproveite este material!

Clique aqui

https://drive.google.com/file/d/1Z_YgZKOCLtirOCR7kKl8CVHyOF3aGVlh/view?usp=sharing

para baixar a dissertação

Sumário

ETAPA 1- Leitura e análise da adaptação <i>Ruth Rocha Conta a Odisseia</i>	9
1.1- Antes da leitura	9
1.2- Durante a leitura	16
Atividade 1	17
Atividade 2	23
Atividade 3	25
1.3- Depois da leitura	28
Atividade 1	28
ETAPA 2- Produção de Podcast literário	32
ETAPA 3- Leitura e análise da adaptação <i>A Odisseia de Penélope</i>	34
3.1- Antes da leitura	34
Atividade 1	34
3.2- Durante a Leitura	38
Atividade 1	38
Atividade 2	41
Atividade 3	45
Atividade 4	48
3.3- depois da leitura	50
Atividade 1	50
ETAPA 4- Produção do coro dramatizado	55
Atividade 1	55
Atividade 2	56
Referências	57
Anexos	60

Informações iniciais

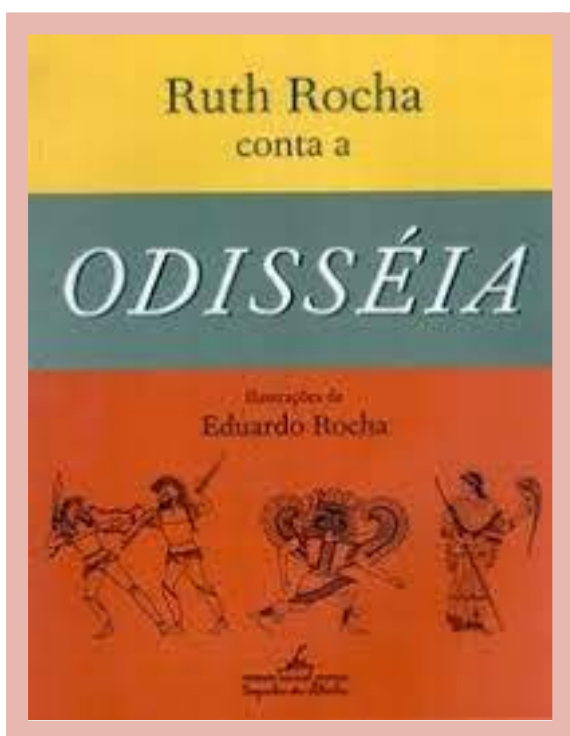
Esta intervenção pedagógica foi estruturada em dois momentos, um primeiro focado na leitura da obra *Ruth Rocha conta a Odisseia*, de Ruth Rocha, que se coloca como mediadora entre a narrativa de Homero e o público infantil e juvenil, e um segundo, da obra *A odisseia de Penélope*, de Margaret Atwood que se constitui como resposta contemporânea e feminina à mesma narrativa. Para melhor desenvolvimento destas leituras, será propiciado aos alunos momentos de leitura compartilhada e protocolada, de aprofundamento das metodologias de leitura e também de (re)produção de partes dos textos como meio de promover uma melhor compreensão das obras lidas.

Essa intervenção foi pensada para ser aplicada por aproximadamente dois bimestres (30 aulas), tendo como disponibilidade duas aulas de 50 minutos por semana.

Como foi realizado

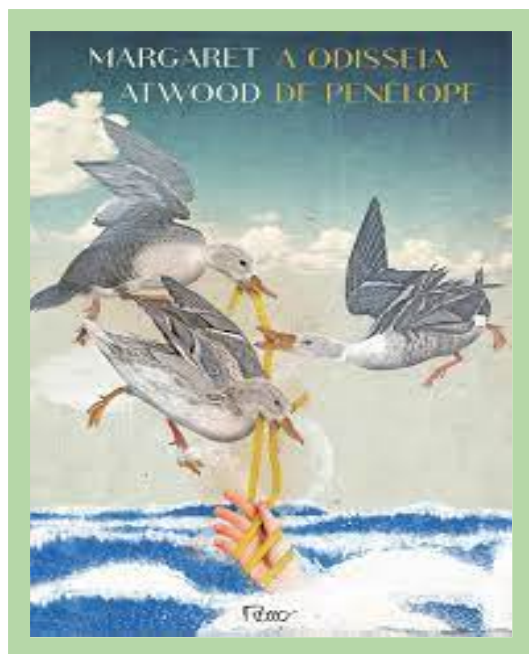
Todo percurso se baseia nas práticas de leitura propostas por Cosson (2021), a leitura em voz alta e a silenciosa, a contação de histórias e a interação; e das estratégias de leitura de Isabel Solé (1998). Solé nos diz que precisamos pensar no porquê de usar essas estratégias e que elas devem conduzir a um aprofundamento do processo de ler. A autora propõe tais estratégias com a finalidade de intensificar a compreensão e a lembrança do que se lê, de se detectar e compensar possíveis erros de leitura ou falhas na compreensão. Baseadas na autora, trabalhamos com as etapas antes, durante e depois da leitura.

Observando o esquema a seguir, temos uma melhor compreensão da divisão desta proposta de intervenção pedagógica.



Etapas 1- *Leitura e análise da obra de Ruth Rocha, Ruth Rocha conta a Odisseia. O objetivo dessa atividade é permitir ao aluno uma análise a partir do primeiro contato com a história da Odisseia, se preparando para a leitura da obra de Margaret Atwood.*

Etapas 2- *Criação de um podcast de uma parte da história de Ruth Rocha, dando voz agora a Penélope, fazendo uma adaptação como meio de experimentar uma mudança de perspectiva no foco narrativo, no caso, para construir uma perspectiva feminina.*



*Etapa 3- Leitura e análise da obra de Margaret Atwood, *A Odisseia de Penélope*. Aqui se permite que o aluno trabalhe a compreensão de um novo olhar sobre a obra *Odisseia*, percebendo nesta adaptação a mudança de foco narrativo e sua influência na história.*

Etapa 4- Leitura dramatizada dos coros das escravas acompanhados por instrumentos musicais. O aluno será instigado a se colocar no lugar das personagens, ganhando voz na narrativa.

Etapa 1- Leitura e análise da adaptação *Ruth Rocha conta a Odisseia*

Objetivo geral:

Proporcionar aos alunos conhecerem uma das obras fundadoras da ficção ocidental, através da adaptação de Ruth Rocha para o público infantil e juvenil, compreendendo os pactos ficcionais propostos pela narrativa.

1.1- Antes da Leitura-

Objetivo específico-

Ativar e identificar quais conhecimentos prévios os alunos trarão para a leitura e possibilitar verificar em quais momentos e em quais proporções o professor precisaria intervir. Apresentar a obra e a autora Ruth Rocha.

Atividade 1- Ativação dos conhecimentos prévios sobre a leitura literária.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Neste momento, o docente explicará aos alunos que iniciarão um projeto de leitura de duas adaptações, que se baseiam na *Odisseia* de Homero, sem no entanto dizer quais serão essas obras. Essa primeira atividade deve ser realizada em uma roda de conversa, que pode ser na sala de aula, na biblioteca ou em outro local de que a escola dispõe para a leitura, com o intuito de promover um ambiente diferente do que tradicionalmente se realiza na escola com as carteiras enfileiradas. O objetivo é ativar alguns conhecimentos prévios dos alunos e propiciar o início de um trabalho com algumas metodologias e estratégias de leitura.

Indicação de leitura sobre metodologias e estratégias de leitura:

Rildo Cosson (2021) e Isabel Solé (1998) respectivamente.

Sobre diário de leitura ver Anna Rachel Machado (1998)

O professor deverá neste momento falar com os discentes sobre o uso do diário de leitura. Se os alunos já tiverem criado o hábito de usar o diário de leitura literária anteriormente, poderão utilizá-lo, se não, deve-se providenciar a organização de um. O professor deve orientar a turma quanto a utilização do diário e sua função.

Para Cosson o diário de leitura é um gênero que “(...) se apresenta como uma reflexão que o leitor faz sobre o texto e o próprio ato de ler elaborada com recursos expositivos que passam pela descrição e explicação” (apud Machado, 1998), permitindo portanto um registro das interpretações do leitor no decorrer da leitura. Complementar ao conceito elaborado por Cosson, Machado (1998) nos coloca que o diário de leitura é um instrumento que privilegia desenvolvimentos psicológicos e se coloca como uma condição favorável para o desenvolvimento do leitor, tornando-o plenamente desenvolvido e ampliando sua autonomia leitora. Por isso, é um gênero propício à reflexão individual, mais livre e mais subjetiva.

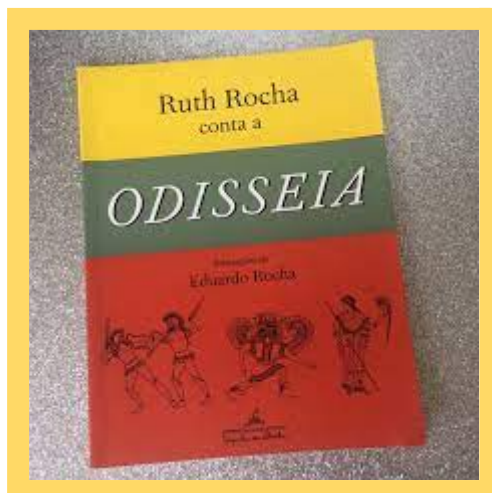
O professor, então, colocará algumas perguntas baseadas em propostas de Isabel Solé (1998) que deverão ser anotadas no diário:

- O que é ler para vocês?
- O que vocês leem no seu cotidiano?
- Quais objetivos vocês têm quando fazem essas leituras?
- Para quê lemos um texto literário?
- Podemos nos posicionar para a leitura de um texto literário do mesmo jeito que lemos um jornal?
- O que a leitura literária envolve e espera do leitor?

O professor dará alguns minutos para que os alunos pensem nestas perguntas e depois abre espaço para o compartilhamento das respostas. Espera-se que os alunos, nessa didática, citem aspectos da leitura comum e da leitura literária. Alguns alunos mais experientes, poderão dizer que a leitura literária é a leitura de um texto ficcional e por isso deve ser lida de forma diferente. O professor deve salientar que a leitura literária espera um leitor que exerça seu papel no “jogo literário”, fazendo inferências, formulando hipóteses, completando lacunas e trazendo para a leitura o seu conhecimento de mundo.

Neste momento, o professor deve organizar a turma para iniciar a leitura. Caso não se tenha exemplares para todos os alunos, a turma pode ser dividida em duplas ou em pequenos grupos para a realização da leitura. O professor entrega então os livros aos alunos e solicita a eles que não os abra ainda. O ato de não abrir o livro possivelmente gerará nos alunos um interesse, uma vez que são curiosos e ficarão ansiosos para abrir e descobrir o que tem dentro do livro. Espera-se que os alunos fiquem com vontade de abrir logo o livro, já que vivemos na era da tecnologia, na qual as informações estão na palma da mão e a um clique. O esperar também é um aspecto que merece ser trabalhado no ato de leitura literária. Logo após passa-se para a análise da capa e do título.

É esperado que os alunos digam não conhecer a Odisseia, contudo, pelo título, é possível concluir que a história será contada por Ruth Rocha. Então, cabe ao professor levá-los a inferir que essa história já teria sido contada por “outros”.



O professor deve orientar a análise de forma oral a partir das seguintes perguntas (outras poderão ser colocadas dependendo do desenrolar da atividade) que terão como objetivo fazer com que eles acionem conhecimentos prévios e elaborem hipóteses sobre a narrativa a ser lida:

- Algum de vocês já leu ou ouviu falar dessa obra?
- Já ouviram falar sobre a história da *Odisseia*?
- Tem alguma ideia do que a palavra Odisseia significa?
- Por que o livro se chama *Ruth Rocha conta a Odisséia*?
- Vocês já ouviram falar sobre a autora Ruth Rocha?
- O que sabem sobre ela?
- Vocês acham que esta história já foi contada por outros autores?

Logo após, o professor coloca para os alunos uma entrevista com a autora Ruth Rocha.

Professor, a entrevista é um pouco longa, por isso é sugerido que se apresente aos alunos os 6 primeiros minutos, que falam um pouco sobre a autora, e depois passe

para o minuto 23, o qual falará mais especificamente sobre a questão das adaptações das obras da *Odisseia* e da *Ilíada*. Segue o link da entrevista. <https://youtu.be/RLE43ngoRq8>

Após apresentar partes da entrevista, sugere-se que o professor abra espaço (uns 10 minutos) para os comentários dos alunos sobre a autora e os assuntos de que ela trata. Pode-se perguntar se eles concordam com as afirmações da autora ou discordam de algum aspecto. O professor deve levar os alunos a pensarem no nome *Odisseia* e após, explicar a sua origem- o herói Odisseu.

Para saber mais sobre a autora...

Ruth Rocha é uma escritora brasileira que tem mais de duzentos títulos publicados e sua obra já foi traduzida para vinte e cinco idiomas, é reconhecida pelo seu talento. Se quiser conhecer um pouco mais sobre a autora acesse:

https://www.ebiografia.com/ruth_rocha/#:~:text=Ruth%20Rocha%20tem%20mais%20de,de%20diversos%20livros%20infanto%20juvenis

Após esta fase da ativação de conhecimentos prévios, passa-se para a leitura em voz alta da introdução. Só então o professor pede aos alunos que abram e folheiem o livro, que observem sua estrutura e divisão, que olhem o sumário para melhor compreensão do desenvolvimento da história.

Professor, deixe os alunos manusearem o livro à vontade, a fim de que possam ter suas primeiras impressões sobre a obra, as quais podem ser compartilhadas.

Logo após, o professor faz a leitura em voz alta da introdução para os alunos. O objetivo é que eles possam ouvir o início da história, no qual o professor se

colocará como um contador de histórias, encarnando o que a autora se propôs a fazer, por isso deve se preparar antecipadamente. Como nos diz Cosson, ler para o outro nunca é somente oralizar um texto, é uma forma de compartilhar o interesse pelo texto, um meio de interação social e uma possibilidade de seduzir o leitor para a leitura (2021, p.104).

Logo após a leitura integral da introdução, o professor deverá abrir espaço para averiguar as primeiras impressões dos alunos sobre a obra, fazendo algumas indagações. Nesse momento, é importante ter cuidado para não podar a leitura dos alunos, é importante deixá-los à vontade para colocar suas impressões. Faz-se necessário ter em mente que o nosso estudo se baseia no leitor real, “aquele cujos traços psicológicos, sociológicos e culturais podem variar infinitamente”, (JOUVE, 2002) e que portanto possibilitará a condução da leitura por caminhos diversificados, mas não consequentemente errôneos. Iser (1996, p. 51,123) nos traz uma grande contribuição ao nos dizer que “A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor”, o que nos mostra a importância da subjetividade leitora na construção textual, já que a leitura, como ele diz é uma relação dialógica entre texto e leitor, na qual o texto é atualizado pelo sujeito leitor. Este traz para a interpretação acontecimentos vividos que o faz criar em sua mente as imagens sugeridas pelo texto, mas imaginadas de acordo com suas experiências. Logo, a subjetividade é parte constitutiva do texto e por isso precisa ser levada em consideração na leitura em sala de aula.

Faz-se necessário, contudo, que o professor oriente os alunos sobre como será o processo. Primeiro, solicitando que anotem suas dúvidas e seus comentários no diário, para que, ao final do projeto, possam averiguar o quanto evoluíram em seus conceitos. Depois, conduzindo-os a não lerem os próximos capítulos antes das orientações que serão dadas pelo professor no decorrer de todo o processo pedagógico para não quebrarem as expectativas de leitura.

Professor, fale para os docentes que o projeto foi todo pensado, passo a passo, para beneficiar uma leitura mais proficiente e que tudo foi preparado para eles. Isso mostra para os alunos que o trabalho que será realizado é específico para eles, fazendo com que eles se

sintam importantes no processo de aprendizado.

Veja algumas possibilidades de questões orientadoras que deverão ser realizadas de forma oral:

- Vocês já ouviram falar sobre a guerra de Tróia? Professor, comente com os alunos que essa edição da *Odisseia* é anterior à nova ortografia e por isso algumas regras estão desatualizadas.
- Conhecem algo sobre a Grécia antiga?
- Ulisses se torna herói. Qual a imagem de herói para vocês?
- Em sua origem, a *Odisseia* era considerada uma epopeia. Vocês sabem o que é uma epopeia? Vamos pensar um pouco mais sobre ela?

Continuando, o professor deve explicar para os alunos um pouco sobre os gêneros literários- mais especificamente o gênero épico- e o que era um aedo e sua relação com a obra de Ruth Rocha- que se coloca como uma contadora de histórias.

Para saber mais... anote.

Por que as obras literárias são divididas em gêneros?

Vocês já pararam para pensar sobre isso? As obras literárias foram divididas em gêneros porque apresentam conteúdos e formas que as aproximam. Tradicionalmente os gêneros literários são classificados em lírico, épico e dramático. Nesta atividade iremos ler uma adaptação de uma obra que é um exemplo do gênero épico.

Gênero épico ou narrativo: A epopeia é uma narrativa literária longa, contada por um aedo ou rapsodo que tem um caráter heróico, grandioso e de interesse nacional ou social. Geralmente retrata figuras de caráter superior, como nas tragédias. Muitas das vezes essa figura, heróica, representa um povo, como em *Os Lusíadas* de Camões. Ela apresenta o narrador, as personagens, o tema, o enredo, o espaço e o tempo. Além de tudo isso, traz uma atmosfera maravilhosa, que em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se apresentar em prosa ou em verso.

(SOARES, 1998, p.39; STALLONI, 2014, p.76-81.)

Professor, comente com os alunos que o aedo ou rapsodo era aquele que contava a história na Grécia antiga e que Ruth Rocha assume essa função ao contar a *Odisseia*.

1. 2 - Durante a leitura.

Objetivo específico:

Dar ao aluno a possibilidade de conhecer a história e fazer com que ele se interesse pela leitura da obra de Ruth Rocha entrando no jogo literário, utilizando metodologias e estratégias de leitura que possibilitarão a ampliação de seu repertório literário.

De acordo com Even Zohar, repertório é “(...) o conjunto de regras e materiais que regem tanto a confecção como o uso de qualquer produto” (2013, p. 37). O autor diz que “pré-conhecimento” e “acordo” embasam o conceito de repertório, pois os interlocutores em uma situação comunicativa precisam de um mínimo de repertório em comum para que ela se realize, apesar de haver várias especificações de repertórios literários de acordo com cada situação. Por exemplo, o repertório do escritor é diferente do repertório que se espera do leitor. Numa outra perspectiva, que pode ser vista como complementar a de Even-Zohar, Wolfgang Iser concebe o repertório como as convenções pressupostas pelo texto:

“As convenções se apresentam no repertório à medida que no texto se encerra algo previamente familiar. O familiar não se refere apenas a textos de outras épocas, mas igualmente, ou até em medida maior, a normas sociais e históricas, ao contexto sociocultural, no sentido mais amplo, de que o texto emergiu- (...). O repertório cobre aqueles elementos do texto que ultrapassam a imanência deste.” (ISER, 1996, p.130)

Para Iser, o repertório vai além dos fatores propostos por Zohar. Ele considera que os repertórios de normas socioculturais, articulados com o repertório literário, interferem na produção de sentido do texto.

Atividade 1- Leitura compartilhada e protocolada da parte I

Na qual se contam as aflições da esposa de Ulisses, Penélope, e de Telêmaco, seu filho, já que Ulisses, dez anos depois do término da guerra de Tróia, ainda não tinha chegado a Ítaca.

Duração da atividade: 4 aulas de 50 minutos cada.

A leitura compartilhada se conceitua como uma atividade na qual se compartilha o conhecimento em situações de ensino e aprendizagem, como coloca Cosson (2021, p.117), já a *leitura protocolada* ou leitura por meio de inferências “consiste em estabelecer com os leitores predições sobre o texto” , baseados no título e na capa, fazendo a leitura da obra em partes com pequenos intervalos para verificar se essas previsões se confirmam, discutindo e realizando novas hipóteses até o término da leitura do texto. (Cosson, 2021, p. 116, 117)

Nesta atividade, o professor deve orientar os alunos quanto à leitura compartilhada. A leitura deverá ser feita por capítulos para permitir aos alunos formular hipóteses sobre as partes que ainda serão lidas, confirmando-as ou refutando-as no decorrer da leitura. O professor deve ler o resumo que está no sumário e levar os alunos a fazerem algumas inferências, baseadas na indagação a seguir. Atente-se para os links disponibilizados no decorrer da atividade, a maioria deles é atividade a ser impressa para entrega aos alunos.

- Além da própria aflição de não saber o paradeiro de Ulisses, o que mais pode estar acontecendo, em Ítaca, na ausência do rei, que leve Penélope e Telêmaco a terem outras aflições?

Espera-se que os alunos coloquem diversas possibilidades, como Ulisses não conseguir voltar, Penélope aceitar se casar com um dos pretendentes e quando Ulisses retornar seu lugar já ter sido tomado, Ulisses voltar e matar todos os pretendentes e tomar seu lugar de volta e outras hipóteses possíveis. Os alunos são muitos criativos e com certeza trarão para a discussão hipóteses plausíveis.

Na sequência, o professor combina com a turma como seguirá a leitura, orientando-os, para que, quando um leitor termine o outro já continue. Ele poderá escolher alguns alunos para fazer a leitura dos capítulos para que ela não fique muito fragmentada, participando também da leitura. A turma pode ser colocada em círculo para facilitar a dinâmica, o que poderá ser feito fora da sala, na biblioteca da escola ou em outro ambiente propício à leitura. Após a leitura do primeiro capítulo, o professor abre espaço para a interação dos alunos sobre o texto e pode fazer as indagações abaixo, sempre levando em conta o que os alunos já compartilharam.

Professor, é esperado que os alunos tenham uma maior dificuldade de entender o início da história e pode ocorrer de alguns se sentirem incomodados por questões religiosas. Eles podem colocar expressões do tipo “Deus é quem está no céu” ou se recusarem a ler alguns trechos, por exemplo na página 22 “ (...) uma dupla

desgraça abateu-se sobre mim”. Será necessário, se isso ocorrer, lembrar que a leitura é de um texto literário e que não deve ser confundido com a leitura da Bíblia no contexto religioso.

- Qual o foco narrativo nesta parte do enredo? Quem é esse narrador e como ele conta a história? Anote as características desse modo de contar que você conseguiu observar no seu diário.
- Qual é a grande característica de Ulisses mencionada na página 18? Essa qualidade impediu que ele tivesse dificuldade para voltar para casa após a guerra de Tróia?
- Notamos também a presença dos deuses. Quais são eles e qual a importância deles para o início da narrativa?
- A expressão “Enquanto isso” na página 20 marca que existem dois planos na história, um marcado pelo mundo dos humanos e o outro dos deuses. O que acontece em cada um deles?
- Temos a primeira manifestação de um deus no enredo. Como Telêmaco percebe a presença da deusa Palas Atena? Qual era o objetivo dela ao fazer contato com ele?
- Os pretendentes queriam se casar com Penélope e são dadas duas explicações para isso: eles querem ser reis de Ítaca e ser Penélope uma mulher muito linda. Essas duas hipóteses já são por si só muito fortes. Avaliando o comportamento dos pretendentes no palácio, por que eles queriam se tornar reis de Ítaca? Qual poderia ser uma outra razão? Achariam que algum deles vai conseguir se casar com Penélope e virar rei? Se algum deles conseguir, será um bom rei? Achariam que Ulisses realmente vai voltar? O que poderia acontecer caso ele voltasse?

Espera-se que os alunos percebam que a história é narrada em terceira pessoa, já que a autora, no título, prontamente se coloca como uma contadora de histórias.

Prosseguindo, passa-se para a leitura do capítulo 2 também de forma compartilhada e protocolada. Após o término da leitura acrescenta-se às indagações dos alunos as seguintes questões.

- Uma nova reunião é convocada após muitos anos sem assembléia em Ítaca por causa da ausência de Ulisses. Quem a convoca é Telemaco, que já com 20 anos pode se tornar um membro da sociedade, capaz de reivindicar seu direito como herdeiro. Qual era o motivo dessa reunião? O que Telêmaco queria?
- O que era a ágora? Leve os alunos a perceberem os dois mundos retratados na narrativa, o dos deuses (no Olimpo) e o dos homens (na ágora).
- Qual a problematização que existe nesta parte da História?
- Como Penélope se coloca diante dessa situação? Ela participa da reunião na Ágora? Por qual motivo ela não participa?
- Os pretendentes dizem que Penélope teria que resolver com quem se casar. Esta fala mostra que a mulher na Grécia antiga tinha escolha? Em que proporção? Penélope tinha algum benefício por ser esposa de Ulisses ou era tratada como as demais mulheres?
- Penélope age com esperteza para enganar os pretendentes. O que ela faz? Levar os alunos a perceberem que Penélope também era ardilosa como Odisseu (mortalha e cavalo de tróia).
- A seguinte fala de Telêmaco “Quem sabe se vocês ainda não vão morrer dentro de meu palácio, sem ter nem mesmo quem os vingue!” pode ser uma previsão? Vocês acham que isso pode ser um desfecho para a história?
- Haliterses lança uma profecia dizendo que Ulisses está prestes a voltar. Vocês acham que ela se realizará? Por quê?

Depois de mais um momento de interação, começa-se a leitura compartilhada e protocolada dos capítulos 3, 4 e 5. Após a leitura, abre-se um momento para uma nova discussão. Agora de forma mais breve para não tornar a leitura cansativa. Propõem-se então as seguintes questões:

- A narradora afirma que era comum fazer sacrifícios com os animais em honra aos deuses. A autora compara esses sacrifícios com qual acontecimento que ocorre nos dias de hoje? Essa comparação nos mostra qual característica de seu estilo de narrar? Espera-se que os alunos percebam que a autora compara o ritual a um churrasco- característica da autora em mesclar registros da linguagem erudita com a linguagem coloquial- ao mesmo tempo criando uma situação de humor ao comparar o ato ritualístico a uma festa de cunho popular- o churrasco. Se não surgir tal percepção, o professor pode apontar essa interpretação.
- Menelau conta a Telêmaco os feitos de Ulisses durante a guerra de Troia. O narrador diz que ele cita o nome de Ulisses com muita amizade. Esse fato pode ter influenciado a narrativa de Menelau? Ele pode ser considerado um outro narrador na *Odisseia*? Professor, leve os alunos a perceberem a recorrência de várias vozes na narrativa de Homero contada por Ruth Rocha.
- Agora olhem a imagem que acompanha esse capítulo. Nessa parte da narrativa aparece o cavalo de madeira, que se diz construído por Ulisses durante a guerra de Troia. Em que essa obra de Ulisses se aproxima da mortalha construída por Penélope? O que isso diz sobre os dois personagens?
- No capítulo 5, vemos novamente a intervenção dos deuses tanto para ajudar quanto para atrapalhar Ulisses. Como isso ocorre? Ulisses consegue continuar seu retorno?

Parte-se então para a leitura compartilhada e protocolada dos últimos capítulos da parte I (6 e 8) e ao final compartilha-se as questões abaixo. Professor, procure um lugar silencioso para fazer a leitura, o barulho externo pode atrapalhar muito a compreensão dos alunos. De acordo com o desenrolar das perguntas abaixo, espera-se que os alunos formulem suas hipóteses. (Ulisses pode não querer voltar, trazer o texto para o seu cotidiano pelo fato de ter deuses ajudando Ulisses e outros atrapalhando. É esperado também, que os alunos consigam perceber o fato de que às mulheres cabia o cuidado com a casa e com os filhos, que elas eram mal vistas se estivessem acompanhadas de um homem e como isso ainda é presente na atualidade.)

- Ulisses chega a terra dos Feácios. Como Palas Atena age para ajudá-lo?
- Nesta parte conseguimos perceber quais eram algumas funções das mulheres? Como vocês percebem isso? Hoje as mulheres ainda realizam as mesmas funções?
- Esse contexto mostra como se recebiam os hóspedes naquela época. Havia alguma intenção por trás do modo como Ulisses foi recebido?
- Percebemos a mudança do tempo na narrativa. Quais expressões nos permitem perceber a passagem do tempo? Por que elas são importantes nos textos narrativos? Como a autora utilizou esse recurso?
- No capítulo 8 Ulisses é denominado como o saqueador de cidades. O que vocês entendem com essa expressão? Por que vocês acham que Ulisses foi caracterizado assim?
- Essa história é contada por Demódoco a pedido de Ulisses. O que isso pode mostrar em relação ao ego de Ulisses?
- Na próxima parte, Ulisses vai contar suas aventuras. O que vocês esperam encontrar nessas narrativas de Ulisses?
- Ulisses vai contar sua tentativa de voltar para casa, passando por lugares que trarão a ele alguns obstáculos: a flor de lótus, os Ciclopes, o gigante dos Lestrigões, o inferno, a ilha das sereias, o monstro de seis cabeças e o sorvedouro Caríbdis. O que vocês esperam ler em cada um desses episódios? Será que Ulisses vai conseguir passar por todos eles?

O professor, ao final desta parte, irá dividir algumas tarefas entre os alunos para organizar o Círculo de literatura (COSSON, 2021, p.140) que será feito na semana seguinte referente à leitura da Parte II da obra. Essas tarefas serão feitas em grupos de quatro alunos que serão os mesmos a fazerem a atividade do pós-leitura. O professor deve entregar as fichas de funções (COSSON, 2021, P.142 apud Daniels, 2002) aos alunos e explicar como devem ser realizadas (a própria ficha já traz a função de cada grupo), elas podem ser adaptadas de acordo com a necessidade de leitura da turma. As fichas se encontram nos anexos.

OBS: Deve-se pedir aos alunos que não leiam a Parte III ainda para não quebrar o andamento do processo de leitura, eles devem focar somente na Parte II.

Funções sugeridas:

1. O primeiro grupo será chamado de conector- aquele que irá ligar a obra com a vida, com o momento atual;
2. O segundo, o questionador- aquele responsável por preparar perguntas sobre o capítulo para os colegas e o professor;
3. O terceiro será o ilustrador- o que pesquisará imagens para compartilhar com os colegas;
4. O quarto, o dicionarista- o responsável para selecionar as palavras de difícil entendimento que sejam relevantes para a interpretação da parte lida;
5. O quinto e
6. O sexto serão os cenógrafos- os responsáveis por descrever as cenas principais;
7. O sétimo, o perfilador- aquele que irá traçar os perfis dos personagens.

Parte 2- Círculo de leitura sobre a Parte II

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Esta etapa será para compartilhamento da leitura individual feita pelo aluno em casa. Os alunos já foram orientados quanto a essa etapa na atividade anterior. Essa parte também será feita em círculo. Inicia-se dando voz aos alunos de acordo com a função de cada grupo.

Durante as ponderações dos alunos, ou depois- o professor deve analisar, de acordo com o desenrolar da proposta, qual melhor momento a intervir- o professor deve salientar os aspectos que não foram abordados pelos alunos.

Professor, consulte o anexo para imprimir a primeira atividade desta parte (Foco narrativo), depois a entregue aos alunos. Faça a atividade junto com eles de forma oral e peça para fazerem as anotações na folha, que deverá ser anexada ao diário de leitura.

- Esses episódios aconteceram antes ou depois da Parte I da história? Isso mostra que a narrativa é linear ou não-linear?
- Algumas expressões determinam Ulisses, como “o saqueador de cidades” e “o inventor de artimanhas”. Como isso contribui para o desenrolar da narrativa ?
- Ulisses se denomina “Ninguém”. Isso contribuiu para que ele pudesse derrotar o gigante? Como?
- Quando Ulisses diz seu verdadeiro nome ele comete uma falha. Falhar é uma característica comum a um herói? Como vocês interpretam isso? Ele foi orgulhoso ao dizer seu verdadeiro nome?
- O adivinho diz a Ulisses que ele conseguirá voltar para casa apesar do pedido feito por Polifemo a Poseidon. Qual pedido foi esse? Qual a influência desse pedido no desenrolar da narrativa? Espera-se que os alunos percebam a influência desse pedido no destino de Ulisses. Caso eles não se atentem para essa questão será necessário levá-los a essa interpretação.

“- Poseidon, portador da Terra, deus dos cabelos anelados. Não deixes que esse Ulisses jamais consiga voltar à sua terra. Mas, se voltar, que leve muito tempo. Que ele perca todos os seus homens, chegue em navio estranho e encontre sua casa ameaçada por muitos problemas!” (p.51)

- Ulisses estava quase chegando em Ítaca. Tudo estava muito calmo quando de repente essa situação se inverte. O que causa essa mudança? Por que será que os companheiros de Ulisses desconfiaram dele? Eles tinham motivo para isso? O que essa desconfiança traz como resultado?
- Ulisses recebe ajuda na ilha Eólia? Qual a justificativa de Éolo para não ajudar Ulisses? Vocês acham que Éolo tinha razão? Vocês ajudariam Ulisses depois do que ele já tinha contado?
- No episódio de Circe, a narradora dialoga com o leitor através da seguinte expressão: “Os gregos acreditavam num inferno diferente do nosso.” Por qual motivo vocês acham que a narradora faz isso? Qual a diferença entre o inferno apresentado na narrativa e o “nosso”?

- No capítulo 10, Circe diz como Ulisses deve se comportar no inferno.

“ Circe disse a Ulisses que, antes de voltar a Ítaca, ele deveria ir ao inferno, à morada de Hades e Perséfone, para interrogar o cego Tirésias, único morto a quem Perséfone consentia que visse o futuro dos homens. Ulisses deveria interrogar Tirésias para saber o que iria lhe acontecer.

Os gregos acreditavam num inferno diferente do nosso. Para a morada de Hades iam todas as pessoas que morriam e não só as más.”

Como vocês percebem essa cena? Nela, é possível perceber um inferno diferente do que concebemos como inferno como alega a narradora? Quais seriam essas diferenças? Quem vai para o nosso inferno? Quem ia para o inferno na narrativa de Ruth Rocha?

- Após passarem pelo Hades (inferno) tem-se a expressão “depois foram levados por um vento favorável.” O que se pode entender com essa expressão?
- Ao passarem pelas sereias, Ulisses é o único que as ouve. Percebemos que Ulisses se permite viver todas as aventuras por completo. O que isso pode acrescentar à figura desse herói?

Ao final, recolhe-se os livros dos alunos para que eles não leiam ainda a Parte III. Isso vai criar um suspense e eles terão que esperar até a próxima semana para terminar a leitura. Logo após coloca-se algumas questões:

- O que vocês acham que irá acontecer no final da história?
- Ulisses conseguirá chegar em casa?
- Se sim, o que ele deve encontrar em sua casa?
- Será que Penélope se casou com algum pretendente? O que será de Ulisses caso isso venha a acontecer?
- Se Penélope não tiver se casado, como deve estar a casa de Ulisses?
- O que ele terá que fazer para retomar seu lugar depois de tanto tempo?
- Será que os pretendentes irão morrer conforme as previsões feitas por Telêmaco no início da história?

- Será que Ulisses vai conseguir retomar o que é seu?

Parte 3- Leitura compartilhada e protocolada da Parte III.

Atividade 1- Término da leitura.

Duração da atividade: 3 a 4 aulas de 50 minutos cada.

Nesta fase, deve-se concluir a leitura da obra. O professor entrega os livros aos alunos para o término da leitura que será de forma compartilhada e protocolada. Essa metodologia foi pensada para permitir aos alunos a conclusão da leitura juntos, assim poderão perceber as frustrações ou realizações das expectativas criadas por eles no decorrer da leitura. Será uma experiência produtiva para os alunos porque poderão compartilhar esse momento.

Após a entrega dos livros e em círculo, inicia-se a leitura da Parte III. Leia-se do capítulo 13 ao 17. Depois coloca as seguintes questões de forma oral:

- Ulisses ao chegar em Ítaca não reconhece sua terra. Por que isso acontece?
- Quem é a primeira pessoa a quem ele procura? Por qual motivo ele o procurou? Eumeu reconhece Ulisses?
- Telêmaco também vai ao encontro de Eumeu e ao encontrar Ulisses também não o reconhece. Quais seriam os motivos para ele não ter reconhecido o pai?
- Ulisses e Telêmaco preparam um plano para resolver o problema que se encontrava em sua casa. Nesse caso teve a intervenção dos deuses? Vocês acham que esse plano vai dar certo?
- Com a chegada de Ulisses na condição de mendigo, revela-se mais uma vez a importância de se cuidar bem de um hóspede. Como percebemos isso na fala de Penélope?

Após as indagações acima, continua-se a leitura compartilhada dos capítulos 18 a 20. Depois realiza-se mais um momento de interação.

Professor, observe se os alunos estão acompanhando o desenrolar da história, se estiverem dispersos traga-os para a narrativa. A seguir coloque a questão a seguir:

- Na página 94 Teoclímeno faz uma previsão. O que ele prevê? Vocês conseguem imaginar a cena que ele prevê?

Logo após, termina-se a leitura compartilhada dos últimos capítulos. Depois abre-se espaço para as últimas considerações a respeito do desfecho da narrativa e das impressões dos alunos. A seguir temos algumas questões que devem ser colocadas e desenvolvidas, nelas trabalharemos também as características das principais personagens.

- O que vocês acharam do desfecho?
- A história foi contada em uma ordem cronológica ou psicológica? Justifiquem. Parte-se do princípio de que os alunos já tenham conhecimento sobre o tempo na narrativa, se não, o professor faz uma revisão sobre o assunto.

Tempo **cronológico** (exterior, que obedece ao relógio, também chamado de histórico) e o **psicológico** (interior, aquele que passa no consciente ou subconsciente de um ou mais personagens, também chamado de metafísico). Campedelli (1996)

- As expectativas de vocês foram satisfeitas?
- A atitude de Ulisses foi correta? O que ele fez era a única alternativa?
- No contexto da narrativa ele poderia ter tomado outra atitude?
- Ulisses manda matar as escravas. Como vocês avaliam isso no contexto histórico da época e no contexto atual?
- Os pretendentes mereceram a morte?

- Penélope propõe uma disputa para resolver quem se casaria com ela e se coloca como prêmio. Vocês concordam que Penélope seria um prêmio?
- Ao final da narrativa, Ulisses se desfaz dos mulambos. O que essa atitude revela?
- A última a reconhecer Ulisses é Penélope. Como ela o reconhece?
- Quais características de Penélope chamou mais a atenção de vocês?
- Esse episódio mostra total submissão da mulher ao marido?
- Penélope é tida como uma mulher virtuosa e fiel que espera pelo marido. Vocês concordam com isso? Qual seria seu verdadeiro objetivo quando decidiu não se casar novamente?
- Como vocês descreveriam Ulisses, o herói?
- Vocês acham que o desfecho poderia ter sido outro? O contexto histórico, cultural e social da época da Odisseia justifica a decisão tomada por Ulisses?
- Como Ulisses poderia agir se a narrativa acontecesse nos dias de hoje? Professor, leve-os a perceber que o contexto histórico e cultural atual não é o mesmo.

1. 3- Depois da leitura

Objetivo específico:

A partir da adaptação de uma parte da obra de Ruth Rocha, dar voz à Penélope, que no texto original não a tinha, como meio de exercitar a produção literária e de fazer, implicitamente, uma previsão do que será lido na próxima adaptação. Desenvolver a habilidade de construção de podcast literário.

Atividade 1- Leitura expandida- Contextualização histórica e estrutural da obra.

Duração da atividade- 1 aula de 50 minutos.

➤ Esta atividade deve ser anotada no diário.

A atividade a seguir tem como intuito, ao retomar o que foi lido, fazer uma contextualização histórica-social da obra de Ruth Rocha, baseadas nas ideias de

sequência expandida apresentada por Rildo Cosson (2020), o qual cita dois momentos interpretativos: um primeiro, no qual o autor propõe uma sequência básica que trabalhe com a compreensão global do texto, incluindo aspectos formais; um segundo, no qual propõe a sequência expandida baseada em um dos aspectos do texto que seja mais pertinente para o estudo proposto pelo professor. Por isso, nesta etapa do processo construtivo do letramento dos alunos, trabalharemos com a segunda proposta orientada por Cosson, tendo como base o aprofundamento de um dos aspectos do texto, a estrutura sociocultural da figura da mulher na época da *Odisseia* de Homero. Cosson também diz que “(...) a expansão pode ser direcionada para preparar ou motivar a leitura (...)” (2020, p. 96) de uma segunda obra, no nosso caso, a leitura da obra de Margaret Atwood, *A odisseia de Penélope*, podendo portanto ser usada tanto para fechar ou abrir uma sequência expandida. Então aqui, usamos a expansão para preparar a leitura da segunda obra, possibilitando uma análise que leve os alunos a se interiorizar no contexto em que Margareth se baseia para produzir sua adaptação.

Faz-se então a entrega do material disponibilizado no link abaixo aos grupos de alunos e disponibiliza-se alguns minutos para que possam respondê-las. Antes de compartilhar as respostas, o professor entrega o texto de apoio “*Os corpos de Homero*” e o lê junto com os alunos, só depois da leitura do texto de apoio, se abre um momento para compartilhamento das respostas. O objetivo do texto de apoio é permitir uma reflexão mais aprofundada sobre a situação social das pessoas na sociedade antiga e seu reflexo na atualidade.

Consulte o anexo e imprima os materiais (Leitura expandida e Texto de apoio) para entrega aos alunos. Abaixo se encontram as perguntas do material de leitura expandida e o texto de apoio.

Leitura Expandida

- 1- Observando as características apresentadas pelo texto, podemos afirmar alguns aspectos do momento histórico da narrativa. Como é o modo de viver das pessoas? Quais são suas crenças? O que eles valorizam?
- 3- Quais as principais diferenças entre os personagens de Ulisses e Penélope na narrativa? Ambos foram importantes dentro da narrativa. Então porque somente

Ulisses foi tido como herói e Penélope foi relegada a mulher virtuosa que esperava pelo marido? Professor, leve-os a perceber a relação da figura do herói com o momento sociocultural da época.

4- Os deuses têm uma importância significativa na narrativa. Quais deles influenciaram mais na história e como? O que eles têm em comum e o que os diferencia dos seres humanos?

5- A imagem do herói Odisseu foi construída através de relatos, alguns dele próprio e outros de narradores. O que a construção desta imagem representa sobre a sociedade da época? Professor, leve-os a perceber que Odisseu representava a sociedade patriarcal da época, a qual estava centrada na figura masculina e que sua imagem foi construída de acordo com histórias contadas por homens.

6- Como era organizada a sociedade grega? Quem estava no poder?

8- Qual era a situação da mulher?

9- E as crianças? Temos muitas informações sobre elas no texto? Mostrar que as crianças não faziam parte ainda da sociedade. Telêmaco só pode tomar atitudes porque já havia atingido a idade adulta.

10- O que cabia ao Homem? Qual era o papel dele na sociedade grega? Uma mulher poderia assumir a figura do herói nessa sociedade?

Texto de apoio

Após ler o texto abaixo, volte na interpretação das questões acima.

OS CORPOS DE HOMERO

Cahuane Corrêa e Marcelo Moraes e Silva

No período que a obra retrata, a questão do cuidado com corpo era bastante enaltecida, visto que o corpo belo e forte era exaltado, pelo intenso controle corporal e a utilização do mesmo para benefício dos indivíduos e da sociedade. Então surge o corpo do guerreiro, responsável por manter a segurança da cidade e a captação de recursos. Para um guerreiro ser considerado um herói, enaltecido e temido por todos, deveria ter algumas excelentes características, como: boa estatura, membros fortes, agilidade, força, esperteza no manejo de armas, caráter impecável, inteligência, engenhosidade e boa fala. Na sequência dessa “hierarquia”

de divisões sociais, encontramos o corpo do velho, que vem a ser um guerreiro de outrora que não goza mais da vitalidade.

O velho era considerado sábio, aconselhava nas questões do funcionamento da cidade e nas questões de guerra, ensinando e acompanhando os jovens nesse quesito. Ainda utilizava seus conhecimentos e a força restante para proteger e manter o bom funcionamento da cidade. No outro extremo ao respeito pelo guerreiro e pelo velho, encontramos as mulheres, escravos e mendigos, que serão abordados a seguir.

A mulher é considerada frágil e passível de aceitar as imposições dos homens, pois é vista como fraca fisicamente e das suas faculdades mentais. Porém, em contrapartida a essa fragilidade, encontramos as Amazonas, muito citadas por Homero, por tratar-se de mulheres guerreiras que combatiam como homens.

Abaixo das mulheres na hierarquia social encontramos os escravos e mendigos. Os escravos eram predominantemente mulheres, pois eram usurpadas de suas cidades derrotadas e destruídas, pois ao ganhar uma guerra, ao vencedor reserva-se o direito de saquear e “recrutar” escravos da cidade derrotada. Como a maioria dos homens participavam das batalhas, restavam vivas somente as mulheres e crianças. Essas mulheres eram utilizadas como domésticas, cuidando da casa e dos filhos dos nobres. Muitas vezes eram utilizadas também para trabalhos sexuais. Os escravos se caracterizam pela “coisificação” do corpo, pois há um enorme ultraje do mesmo, visto que deixa de se ter um controle sobre ele. Já o mendigo caracteriza-se como escória da sociedade, pois há a falta de cuidado com o corpo e a recusa do trabalho, sendo assim não contribui em nada com o bom funcionamento da cidade.

Retirado de https://www.fef.unicamp.br/feff/sites/uploads/feff_inscricao/chelef2016/paper-d68cbaf551f728babef38a2f878f8173.pdf

Etapa 2- Produção de Podcast literário

Objetivo geral

Permitir aos alunos o trabalho com a criação literária, aliada aos meios digitais, como prática de memorização e de contação de história.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Nesta etapa, os alunos serão levados a produzirem um podcast literário dando voz à personagem Penélope. Será a produção de uma parte da ficção de Ruth Rocha a partir de um roteiro, recontando a história em forma de áudio ou vídeo. Para dar eficácia a atividade, ela será divulgada em um grupo da turma ou em uma página virtual da escola que, caso não possua essa página para a publicação, poderá ser criada pelos próprios alunos.

Esta atividade deverá ser iniciada na escola com a orientação do professor e os alunos a concluirão em casa. Após concluírem a atividade, os discentes a divulgarão na página criada. O acesso aos trabalhos dos colegas será por meio desta página virtual, que deverá ser monitorada pelo professor, contudo, sua manutenção poderá ficar a cargo de um grupo de alunos.

Para que esta produção seja feita de forma satisfatória, iniciaremos com as seguintes questões (oralmente).

- O que é um podcast?
- Como fazemos para produzi-lo?
- Vocês têm o costume de ouvir podcasts?

A seguir, o professor deve orientar os alunos a se organizarem em grupos- já estruturados em fase anterior- para a produção do podcast.

➤ *Para anotar -*

A seguir eles anotarão no diário alguns passos importantes para a produção de um bom podcast, atentando-se para o fato de que o podcast deve ser construído em forma de diálogo. O professor deve dar aos alunos liberdade para a construção do material. A atividade de produção de Podcast literário também se encontra em anexo, podendo ser impressa para para entrega aos grupos.

- Escolha uma dos episódios a seguir para produzir seu podcast:
 - a) Penélope tece e destece a mortalha de seu sogro. (p. 88)

b) A disputa com o arco de Ulisses. (p.95- 99)

c) Teste da cama para provar Ulisses. (p.104 e 105)

- Qual é o objetivo desse podcast?
- Qual é o seu público alvo?
- Como faço para meu podcast se destacar?
- Escolha um nome e um mix para introduzir seu podcast. Eles devem ser atrativos.
- Faça uma pequena descrição para o seu podcast.
- Faça a reprodução do texto escolhido para se prepararem para a gravação. Escolham o modo como essa narrativa será contada e treinem antes de começar a gravação. Lembrem-se que a narradora será Penélope, então o ponto de vista dela deve ser considerado. Preparem o roteiro para a gravação. Professor, o roteiro para a podcast literário também se encontra em anexo, você poderá imprimí-lo entregá-lo aos alunos.

➤ Para a gravação.

- O roteiro está pronto? Se não, façam-no antes de iniciar.
- Faça uma gravação teste primeiro.
- Seu podcast deve ter uma duração entre 5 e 10 minutos.
- Grave alguns segundos antes de começarem a gravar as falas para evitar cortar alguma parte.
- Escolha um local silencioso para fazer a gravação, com isso você evitará ruídos.
- Tentem manter uma distância adequada do aparelho (celular, computador...) que vocês escolheram para fazer a gravação. Esta gravação pode ser só voz ou em vídeo.
- Edite seu texto. Você pode cortar algum trecho, inserir uma trilha sonora ou comentários, fazer uma introdução.

Etapa 3- Leitura e análise da adaptação *A Odisseia de Penélope*

Objetivo geral:

Fazer a leitura da adaptação *A odisseia de Penélope* comparando-a à obra de Ruth Rocha e consequentemente à de Homero, considerando os aspectos socioculturais presentes em cada momento histórico e levando o aluno a perceber qual fator foi modificado na adaptação de Margaret Atwood.

3.1- Antes da Leitura-

Objetivo específico

Ativar os conhecimentos prévios dos alunos já iniciados na atividade 1, permitindo que ampliem suas expectativas sobre a leitura da adaptação de Margaret Atwood.

Atividade 1- Ativação dos conhecimentos prévios a respeito da obra *A Odisseia de Penélope*.

Duração da atividade: 1 aula de 50 minutos cada.

Nessa atividade analisaremos o título e a capa. Introduziremos os alunos no contexto de criação da obra de Margaret Atwood. O professor deve entregar os livros aos alunos e repetir o processo de análise da capa, do título e da autora, pedindo aos alunos que não abram ainda o livro. Não poder abrir ainda o livro trará maior curiosidade aos alunos uma vez que já tiveram um primeiro contato com a história na obra de Ruth Rocha. Depois, deixe-os compartilhar suas impressões de forma oral e, se necessário, leve-os a pensar nas questões a seguir. Professor, faça uma pergunta de cada vez e dê um tempo para eles responderem, só depois passe para a próxima indagação.

- O que o título sugere em relação a história a ser contada?

- Qual tipo de narrador vocês esperam encontrar neste texto? Justifique. (Supõe-se que os alunos já tenham um conhecimento sobre os tipos de narrador)
- Vocês já ouviram falar sobre a autora? Ela dá voz a Penélope. O que isso pode sugerir em relação à autora? Dar voz às mulheres fazem vocês pensarem em quê?

Espera-se que os alunos coloquem que o foco narrativo na obra de Margaret Atwood estará na primeira pessoa, pois quem vai contar a história será Penélope e não mais um narrador em terceira pessoa. Ela será uma narradora protagonista, autodiegética, que irá contar sua própria história. Também é esperado que eles consigam perceber que a autora traz um tom feminista ao dar voz à mulher. É bom se atentar para o fato de que os alunos ainda não sabem que as escravas também terão voz, já que o título da obra cita Penélope, mas não as escravas. Essa informação será dada mais a frente, então não precisa entrar nesse assunto agora.

Professor, leve os alunos a relembrares a posição social de Penélope- a mulher- na obra de Ruth Rocha/ Homero e depois a trazer esta situação para os dias atuais. Não avance muito para não influenciar a leitura deles.

Para anotar...

A autora, Margaret Atwood, é canadense e uma ativista ecológica e feminista. Seu livro foi produzido a pedido de Myth Series para um evento que solicitava que os escritores recontassem um mito, no seu jeito e na sua língua. Daí surge a Odisseia de Penélope.

Depois de falar um pouco sobre a autora, deverá ser feita as questões a seguir:

- O que vocês acham que Penélope vai contar? Acham que haverá outras vozes na narrativa? Professor, logo após, peça para os alunos observarem a contracapa e a leia. Leve-os a perceber que as escravas também terão voz neste enredo. Abaixo trazemos a parte que deverá ser lida.

“A história de Penélope- contada por ela mesma. Na Odisseia de Homero, Penélope- filha do rei Icário de Esparta e prima da bela Helena de Tróia- é retratada como a esposa fiel por excelência, aquela que aguardou por 20 anos o retorno de seu marido Odisseu das tormentas do mar Egeu. Agora, Margaret Atwood oferece aos seus leitores uma releitura do velho mito, onde Penélope e seu assombroso coro de criadas mortas revelam o outro lado da história.”

Após a leitura abre-se espaço para as seguintes indagações de forma oral.

- Esta obra é um romance. O que vocês acham que vão ler quando se afirma que ela é um romance? O que é um romance para vocês?

Vamos conhecer um pouco mais sobre o romance.

Vejamos o que nos traz Soares:

“O romance vem a ser a forma narrativa que, embora sem nenhuma relação genética com a epopéia (como nos demonstram as teses mais avançadas), a ela equivale nos tempos modernos. E, ao contrário da epopéia, como forma representativa do mundo burguês, volta-se para o homem como indivíduo.(...) Não tendo existido na Antigüidade, essa forma narrativa aparece na Idade Média, com o romance de cavalaria, já como ficção sem nenhum compromisso com o relato de fatos históricos passados.” (SOARES, 1989, P.42)

Yves Stalloni (2014) nos diz que conceituar o Romance é algo difícil e que ele já foi alvo de muitas críticas por volta dos séculos XVIII e XIX. Era tido como algo desprezível e

corruptível, pensavam que o romance tinha como tema principal o amor, e falar de amor poderia ser algo incômodo. O autor nos traz algumas características do romance, além das que todo texto narrativo possui. Pensemos em algumas delas: (Professor, ao final da leitura, volte a esse assunto com os alunos e os relacionem ao romance de Margaret)

- *Uma escrita em prosa.*
- *O domínio da imaginação.*
- *A ilusão da realidade.*
- *A introdução da personagem com um papel essencial.*
- Agora abram o livro e folheie-o.

Professor, deixe que os alunos analisem o livro para já introduzirem a leitura da obra e irem familiarizando-se com a estrutura do livro que é diferente da estrutura da obra de Ruth Rocha.

Faz-se a leitura com os alunos a introdução. Será necessário levá-los a pensar na questão do problema da história única citada por Margaret Atwood na introdução- “Mas a *Odisseia* de Homero não é a única versão da história” (p.12)- conduzindo-os num diálogo que os permitam pensarem numa nova perspectiva para se contar a história, levando em conta o fato de que quem vai narrar a história agora será Penélope e que as escravas também terão voz. Será proveitoso também levá-los a perceber o que a autora afirma sobre a Penélope de Homero- mulher virtuosa, esposa perfeita e fiel, consagrada por sua constância e inteligência, deixando-os se posicionarem a respeito dessa afirmação. Faz-se necessário salientar para os alunos a importância dos relatos de Homero para a coleta dos primeiros dados sobre a situação social da mulher na Grécia antiga, uma vez que na sociedade Grega o centro era os homens, às mulheres cabia o cuidado com a casa, sua administração e a procriação para manter “a sucessão legítima do patrimônio”. A mulher tinha uma condição objetal, era moeda de troca, submissa e não tinha voz. Quando Margaret entremeia a fala de Penélope com a das escravas, num contraponto paródico, ela torna ainda mais contundente a desmistificação da figura do herói Odisseu, desconstruindo sua imagem, a de Telêmaco e da própria sociedade patriarcal da

época de Homero, além de lançar dúvidas sobre as verdadeiras intenções de Penélope (RENAUX, 2009). Depois leve-os a pensar nas seguintes questões:

- Será que a história narrada por Penélope terá a mesma visão da esposa fiel e virtuosa proposta por Homero?
- Como será a postura de Penélope diante da oportunidade de ter voz? Se fossem vocês na posição de Penélope, o que diriam?
- E as escravas, o que elas falarão? Como vocês acham que será a postura delas?

3.2- Durante a leitura

Objetivo específico

Dar a possibilidade aos alunos de conhecer uma nova versão da narrativa da *Odisseia*, conseqüentemente, analisando os aspectos socioculturais presentes nas duas culturas e em momentos históricos distintos. Além disso, perceber vozes, antes silenciadas na sociedade, através de um novo foco narrativo, de um novo contexto e de um ponto de vista diferente.

Atividade 1- Leitura compartilhada e protocolada da adaptação de Margaret Atwood.

Parte 1- Leitura compartilhada e protocolada da página 13 à 22.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Organize-se os alunos em círculos para iniciar a leitura, lembrando-os de seguir as orientações dadas pelo professor nas etapas anteriores para não quebrar o processo que fora preparado- seguir a leitura de acordo com as orientações dadas pelo professor, respeitando as etapas de leitura. São vinte e nove capítulos divididos entre as falas de Penélope e a das escravas. Seria interessante que todos os alunos tivessem o livro, se isso não for possível, pode-se colocá-los em dupla ou em pequenos grupos para participarem da atividade. Se a escola dispor de lugares fora de sala para a leitura será mais agradável e proveitoso utilizá-los. Alterna-se a leitura com os alunos, eles lendo a parte de Penélope e o professor(a) o das escravas, o que pode ser alterado no decorrer do processo de leitura, de acordo com o

amadurecimento dos alunos. Isso dará um contraponto na leitura, como é proposto pela ordem natural de desenvolvimento da obra. Será necessário salientar aos alunos as diversas formas literárias- rimas, canções, idílios, baladas, drama, aula, julgamento gravado em vídeo- utilizadas pelas escravas na confecção do coro, o que valoriza e caracteriza suas falas como vítimas e porta vozes de mulheres silenciadas, ao mesmo tempo que essas formas literárias acabam desconstruindo o estilo épico, fragmento-o em vários gêneros menores da época e da atualidade, conforme o que nos diz Remax (2009).

Começa-se a leitura pelo primeiro título “Uma arte menor”. Deixe os alunos formularem hipóteses sobre ele.

- O que vocês percebem sobre o título?
- O que acham que será narrado nessa parte?
- O que seria uma arte menor?

Depois faz-se a leitura dessa parte.

Professor, combine com a turma a ordem da leitura e quais alunos que irão ler para não quebrar o ritmo de leitura. Peça aos alunos para lerem o capítulo com calma e com atenção para não mudar o sentido do que estão lendo. O professor precisa chamar a atenção dos alunos para que possam decodificar corretamente as palavras, atentar para a acentuação e a pontuação é essencial para uma boa leitura e, conseqüentemente, para a interpretação da obra. Essa observação é importante, já que com o retorno das atividades escolares presenciais após a pandemia do coronavírus, percebe-se uma dificuldade na decodificação e pronúncia correta das palavras e do uso das pausas exigidas pela pontuação.

Logo após a leitura, abre-se um momento para interação dos alunos, o que, posteriormente, será ampliado com as questões apresentadas a seguir. Vamos às questões:

- A narrativa começa com “Agora que morri, sei de tudo”. Qual é o foco narrativo nesta parte inicial? Por que a informação de estar morta é importante?
- Qual era o desejo da narradora?
- A narradora dialoga com o leitor neste início do enredo **“Você gostaria mesmo de ler a mente? Pense bem.”**. O que isso sugere?
- A narradora coloca dúvidas sobre o herói Odisseu. Qual seria a verdadeira intenção dela?
- Agora que já fizemos a leitura, qual seria então a arte menor colocada por Penélope? (p. 14) Se a narrativa de Penélope é colocada por ela como uma arte menor, como seria classificada então a narrativa de Odisseu? Arte maior? Por quê?
- O próximo título é o coro das escravas: canção para pular corda. O que vocês acham que elas vão cantar? Acham que elas concordam plenamente com o enredo que será contado por Penélope?

Espera-se que os alunos formulem hipóteses positivas, já que o pular corda é uma brincadeira de infância e deve lembrar coisas boas.

Prosseguindo, o professor deve ler o coro em voz alta para permitir aos alunos perceber a musicalidade. Pode-se pedir aos alunos que fechem os olhos para perceberem melhor a voz das escravas. Logo após, abre-se espaço para as colocações dos alunos e leve-os a perceberem a posição das escravas em relação a Odisseu- **“We are the maids/ the ones you Killed/ the ones you failed”** na tradução **“Somos as escravas/ Que vocês mataram/ Que vocês traíram”**

Continuando, leia-se o próximo título- “Minha infância”- e deixe os alunos formularem suas hipóteses. Espera-se que eles formulem hipóteses que inicialmente sejam positivas, mas é certo que alguns alunos irão formular hipóteses negativas devido a situações vividas por eles. Inicia-se então a leitura do capítulo de forma compartilhada e de acordo com o que já fora combinado. Após o término da leitura e

sem dar espaço para o compartilhamento dos alunos, o professor lê o próximo coro das escravas- “Choro de criança, um lamento”- e só depois coloca as indagações abaixo. O objetivo é permitir que os próprios alunos façam uma comparação da infância de Penélope com a infância das escravas, verificando um contraponto não só entre a posição social de Penélope e das escravas, mas também sobre tudo o que essa situação implicava. O choro da criança (escrava) já era traduzido em “Lamento”, expressão de dor e de sofrimento.

- Como foi a infância de Penélope? Qual era a sua relação com a mãe? E com seu pai? Agora compare a infância de Penélope com a infância de Ulisses.
- E a infância das escravas, como foi? Elas colocam logo no início **“Também éramos crianças”** O que isso demonstra?
- O que o título do coro “Um choro de criança, um lamento” nos faz refletir? O que seria o lamento?

Logo após, leia-se os títulos dos três próximos capítulos: “Asfódelo”, “Meu casamento” e “A cicatriz”. O professor deve levar os alunos a levantarem hipóteses sobre cada um deles. Espera-se que os alunos tenham um pouco de dificuldade ao formular hipótese sobre o título “Asfódelo” por não ser uma palavra conhecida. Então, o professor deve deixar essa dúvida para eles sanarem durante a leitura, que será individual e silenciosa. O professor deve combinar com os alunos que façam a leitura desses capítulos em casa para compartilharem sua interpretação com a turma e o professor na semana seguinte.

Atividade 2- Círculo de leitura sobre as partes lidas em casa e leitura dramatizada do coro: “Se eu fosse princesa, canção popular”.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Esta parte da atividade terá como objetivo permitir aos alunos compartilharem sua leitura e interpretação, fazendo comentários e análises- interação. Espera-se que já tenham ampliado um pouco seu repertório e que já consigam fazer uma leitura mais madura. O professor deve organizar a turma em círculo e pedir aos alunos que

respeitem os turnos de fala não interrompendo o colega. O professor deve organizar o momento para que todos possam partilhar suas impressões. É esperado que alguns alunos tratem a questão do Asfódelo (inferno) de uma maneira voltada para a religiosidade e que outros, já amadurecidos, por si só, tragam para a interação a questão literária, mas é preciso reafirmar o contexto ficcional relacionando a narrativa com a realidade deles, permitindo que expressem sua convicção religiosa, mas ao mesmo tempo, levando-os a repensarem preconceitos e a valorizarem o que cada um traz para a discussão. Espera-se que os próprios alunos já consigam fazer isso, mostrando sua evolução no processo de ampliação do repertório e de seu letramento literário. Nessa fase é muito importante que o professor esteja aberto para os assuntos que os alunos trarão para o círculo.

Após a colocação dos alunos, o professor deve propor as seguintes indagações:

- As hipóteses que vocês formularam se concretizaram durante a leitura? O que aconteceu que vocês não esperavam?
- No capítulo *Asfódelo*, o narrador inicia já falando do escuro. O que isso nos traz logo no início da narrativa? Era possível inferir que se trataria de algo negativo somente lendo o título? A narradora coloca alguma vantagem em estar no escuro? Vocês concordam com ela?
- No fragmento “..., **sempre senti uma atração secreta por homens dessa laia.**” o que sugere sobre Penélope, uma vez que é ela própria quem assume essa fala? Professor, leve os alunos a perceberem que nesse aspecto há uma quebra da imagem da mulher virtuosa proposta por Homero.
- Depois, Penélope diz que não frequenta os níveis mais profundos do mundo subterrâneo porque já recebeu em vida o devido castigo. Qual seria esse castigo?
- Observamos que nessa narrativa também há a presença de dois mundos. Quais são eles? Quem está de cada lado? Como esses mundos se comunicam?
- Na página 25, a narradora afirma que se interessou muito pela invenção da lâmpada elétrica e outras teorias. Logo após usa a expressão “**Mais recentemente**”. Podemos dizer que esse fragmento marca uma passagem

do tempo e situa a personagem num tempo mais atual? Como podemos interpretar essa fala da personagem?

- Depois, Penélope fala de seu casamento. A mulher na época era tida como “objeto de troca”, “noiva como dote”. De acordo com o texto de Margareth, Penélope teve alguma escolha em relação a seu casamento? Professor, deixe os alunos colocarem suas impressões. Logo após, peça a eles que voltem ao final da página 41. Releia com eles os quatro últimos parágrafos e refaça a pergunta.
- Ela diz que só pessoas importantes se casavam. O que isso demonstra em relação ao contexto histórico da obra de Homero? Ela fala também que o casamento existe para se gerar filhos e que estes **“são veículos para a transmissão de bens”**. O que podemos concluir com essa afirmação? Como os filhos eram vistos na Grécia antiga? Hoje os filhos são vistos pela sociedade do mesmo modo como afirma a narradora?
- As mulheres se casavam por volta dos 15 anos e deveriam procriar. Vocês acham que elas tinham uma vida saudável e longa? Como vocês veem essa questão nos dias atuais?
- A narradora relata algumas características negativas de Odisseu, como trapaceiro, ladrão, pernas curtas, que o impediria de ganhar os jogos para se casar com ela, contudo ele ganha. Qual seria o objetivo dela, depois de tanto tempo, trazer essas questões à tona? Professor, saliente com os alunos que novamente aparece uma tentativa de desconstrução da figura de Odisseu.
- Continuando, temos o título *“A cicatriz”*. O que a narradora conta nesse episódio? O que o título tem a ver com a história narrada? Como foi o início da relação entre Ulisses e Penélope? O que ela descobre sobre Odisseu? Qual a importância dessa cicatriz para o desenrolar da história? Professor, retome o capítulo 19, na página 89 da adaptação de Ruth Rocha, no qual é narrado a importância da cicatriz para que Odisseu fosse reconhecido em seu retorno à Ítaca.
“De fato, assim que a aia começou a lavá-lo, reconheceu essa cicatriz, causada por um javali, numa viagem de Ulisses ao Parnaso, à casa de seu avô.

Mas Ulisses pediu a Euricléia que nada dissesse, e a velha ama calou-se, lavou-lhes os pés e retirou-se.”

- Penélope diz que havia desenvolvido sentimentos em relação a Odisseu na noite de núpcias e que ele se comportava como se isso fosse recíproco. O que podemos inferir dessa fala?

Depois desse processo, o professor lê em voz alta o título do próximo coro das escravas: “*Se eu fosse princesa, canção popular*”. O professor deve dar um tempo para que os alunos formulem suas hipóteses. Depois o professor combina com os alunos a leitura do coro de forma compartilhada e dramatizada. Isso será um modelo para a produção final deles, sem que, no entanto, o professor diga que haverá esta produção. Seria interessante o professor levar um apito, um chapéu, um som de acordeon ou de violino para se colocar de fundo, já que no coro as escravas usam estes recursos. O objetivo é reproduzir o texto de acordo com o que é proposto pela autora. O professor deve dividir as falas do coro entre os alunos. Escolhe-se uma aluna para a primeira, uma para a segunda e uma para a terceira escrava. A parte em comum do coro pode ser feita por um grupo maior de alunos ou pela sala toda - o que ficará a critério do professor. Deve-se também escolher o aluno(a) que irá passar o chapéu de acordo com o final do coro fazendo o papel da Melanto. Combina-se com os alunos que farão a parte das escravas de fazerem a mesura (reverência) ao final da leitura do coro. Para que a dramatização seja eficiente, é preciso treinar com os alunos antes. Sugestão de música de fundo tirada do Youtube

 Libertango: Astor Piazzolla - Libert Duo Violino e Acordeon // Music Vídeo (4K)

Professor, deixe os alunos aproveitarem o momento, isso contribuirá para a interpretação do coro e para prepará-los para a produção da atividade final.

Depois da dramatização do coro, abre-se espaço para que os alunos possam colocar suas impressões sobre ele, sem no entanto colocar perguntas prontas.

Deve-se valorizar as impressões deles e permitir que eles formulem as suas próprias indagações. A canção popular, desconstrução do estilo épico homérico, proposta por Margareth se aproxima da realidade dos alunos e por isso eles ficarão mais à vontade com o texto permitindo um maior envolvimento deles na atividade.

Logo após o professor lê os próximos títulos- “*A galinha de confiança*”, o coro “*O nascimento de Telêmaco*”, “*Helena arruína minha vida*” e “*Espera*”- e deixa que os alunos formulem suas hipóteses sobre cada um deles.

- O que vocês esperam ler baseados na informação de cada título?
- O que acham que se contará em cada um deles?

O professor então combina com os alunos a leitura desses capítulos para a próxima semana pedindo que anotem no diário as informações que julgarem interessantes para serem discutidas.

Atividade 3- Círculo de leitura das partes: “*A galinha de confiança*”, o coro “*O nascimento de Telêmaco*”, “*Helena arruína minha vida*” e “*Espera*”. Leitura em voz alta do coro:” *O capitão astuto, uma nau precária*”.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Inicia-se a atividade abrindo espaço para que os alunos apresentem suas anotações e compartilhem suas leituras. O professor deve interferir somente quando o aluno fugir do jogo interpretativo, trazendo-o de volta para o contexto da história. Ao final o professor seleciona, das questões abaixo, aquelas cujo assunto não foram colocados pelos alunos. Professor, valorize a interpretação dos alunos levando-os a perceber sua evolução dentro do jogo interpretativo. Coloque somente as questões que realmente forem necessárias para não prolongar demais o debate.

- O pai de Penélope dá a ela um presente de casamento. Qual é ele? O que vocês conseguem perceber através desse ato? O que o pai pretendia com esse presente?

- Depois, Penélope diz que Odisseu a tratava como uma criança (p. 45). O que isso revela em relação a sua autoconfiança?
- Na página 46 há um diálogo entre Penélope e Odisseu. O que Penélope pretendia com esse diálogo? Ele a deu respostas?

““Existe uma porta oculta para o seu coração?”, perguntei num tom que esperava que fosse cativante e sedutor. “Você a encontrou?”

Odisseu sorriu ao ouvir isso. “Cabe a você dizer”, respondeu.

“E você, tem também essa porta em seu coração?”, falei. “Eu já achei a chave?” Enrubesço só de pensar no tom afetado com que perguntei isso: era do tipo de lisonja que Helena teria dito. Mas Odisseu me dera as costas e olhava pela janela. “Um navio entrou no portão”, ele disse. “Não é uma nau conhecida.” E franziu a testa.””

- O que a expressão “ (...), mas naquele momento eu não tinha a menor ideia do que enfrentaria depois” (p. 46) pode nos revelar sobre a narrativa?
- Quem era a galinha de confiança? A quem ela servia?
- Na página 48, mais uma vez a autora faz uso de aspas para marcar a fala de Euricléia, a escrava, que diz qual parte dos afazeres cabia a Penélope. O que cabia a Penélope? O que isso diz sobre a posição social da mulher naquela época? Ao final Penélope diz que parecia que era Euricléia que havia dado à luz. O que essa expressão diz em relação à criação dos filhos?
- No coro do nascimento de Telêmaco é citada as “Três Irmãs Fatais”. O que vocês perceberam sobre elas? Vocês já conheciam essa expressão? Qual a visão de vocês a respeito da crença de que nossas vidas seriam tecidas por alguém ou por alguma divindade?

Para anotar...

Os gregos antigos acreditavam que a vida das pessoas tinham um destino, que era determinado pelas três irmãs da mitologia grega, conhecidas como as 3 moiras, elas eram três entidades femininas da mitologia grega que apareciam tecendo fios. O fio que seguravam nas mãos simboliza a vida humana e, ao mesmo tempo, o quão pequena e

vulnerável ela era.

As três Moiras, ou Parcas, eram filhas da noite. Cloto torcia o fio da vida e Láquesis media seu comprimento. Átropos, a terceira Moira, cortava-a na hora da morte.

- Como as escravas comparam o tecimento de suas vidas à de Telêmaco? Elas dizem que se soubessem o que ele faria quando crescesse, teriam o afogado na infância. Qual resposta elas deixam em relação a isso? Vocês acham que se caso elas tivessem afogado Telêmaco teria sido justo?
- Podemos colocar como hipótese que o coro das escravas vai tecendo a história delas como se fosse esse fio? Como percebemos o início da história das escravas já no ventre materno?
- No próximo capítulo, Penélope diz que Helena havia arruinado a sua vida. Qual seria o motivo para isso? O que Helena fez? O que esse ato ocasionou na vida de Penélope? Será que a culpa foi realmente de Helena? Ou será que ela não teve escolha?
- No episódio da espera, Helena narra os feitos de Odisseu contados a ela quando da espera de seu retorno. Ela apresenta dúvidas em relação às histórias contadas sobre Ulisses. Como vocês percebem isso na narrativa de Penélope? O que ela pretendia com isso?
- Penélope narra também seu amadurecimento quanto a administração dos bens de Odisseu. Ela diz:
“Minha política priorizava o aumento da riqueza de Odisseu para que ele ao voltar estivesse mais rico do que ao partir... Eu imaginava a cena claramente. Odisseu voltava e eu- com feminina modéstia- lhe revelava meu sucesso nas atividades consideradas masculinas.” (P. 63)
- Podemos perceber um certo tom feminista por parte de Penélope? Como podemos analisar isso nessa passagem da narrativa?

Para concluir essa fase, o professor lê em voz alta o coro: *O capitão astuto, uma nau precária*. Depois da leitura, deve-se deixar espaço para um momento de interação entre os alunos.

Professor, tente perceber quais interpretações foram feitas pelos alunos. Volte a cada parte do coro para analisar o que se conta em cada um deles. Saliente aos alunos a posição do narrador e sua indignação apresentando uma desconstrução paródica das aventuras de Odisseu (Renaux, 2009, p.150). Depois compartilhe com os alunos as perguntas a seguir.

- Como vocês interpretam o título do coro: *O capitão astuto, uma nau precária*?
- Podemos dizer que o narrador tem um tom irônico ao narrar esse coro? Quais expressões dele nos permite perceber isso?

Após as perguntas, combina-se com os alunos a leitura dos próximos capítulos, “*Os pretendentes se empanturram*”, “*A mortalha*” e “*Sonhos ruins*”, pedindo aos alunos para, em grupos, formularem questões sobre cada capítulo. Divide-se a turma em três grupos, cada um responsável para formular questões sobre um capítulo. Combina-se com os alunos que na próxima semana um grupo fará essas perguntas a um outro grupo que será sorteado no momento do círculo, portanto todos os alunos terão que ler os três capítulos e fazerem suas anotações sobre eles.

atividade 4- Círculo de leitura das partes: “*Os pretendentes se empanturram*”, “*A mortalha*” e “*Sonhos ruins*”. Leitura em voz alta do coro: “*Delícias, uma balada*”.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Inicia-se o círculo com um sorteio para organizar a ordem que cada grupo irá compartilhar suas questões, promovendo a interação dos grupos. É necessário deixar claro aos alunos que não se trata de um jogo, que a leitura é algo pessoal e dependente das experiências pessoais de cada um e que, portanto, deve-se respeitar as interpretações dos colegas, cabendo somente ao professor intervir caso se saia da interpretação cabível. Passa-se então a voz para que o primeiro grupo possa fazer as perguntas e assim sucessivamente até que todos os grupos tenham participado. O

professor deve deixar que os alunos se sintam à vontade para interagirem. Por serem alunos do nono ano, já possuem certa maturidade para isso. A seguir o professor orientará os alunos em alguns aspectos que não podem ser deixados de lado seguindo as sugestões a seguir.

- Penélope se encontra com um de seus pretendentes que lhe fala qual era realmente o interesse deles, o tesouro e o reino. Qual a importância dessa informação para a narrativa já que eles já estão mortos?

Professor, nesta questão leve os alunos a perceberem que essa confissão parece justificar a morte dos pretendentes.

- Já no episódio da mortalha, Penélope usa novamente as escravas e mostra que é tão esperta como Odisseu. A fala de Penélope nesse episódio parece justificar ou atenuar a sua culpa pela morte das escravas?

Professor, volte com os alunos na fala de Penélope na página 77 “ Infelizmente, uma delas traiu o segredo de meu tecer interminável(...). Elas me evitam como se eu lhes houvesse feito um mal terrível. Mas eu nunca as machucaria por iniciativa própria”

- Ao final do episódio, Penélope diz que a mortalha ganhou a fama de “A teia de Penélope” levando a conclusão de que ela seria então uma aranha. Quais interpretações podemos levantar com essa metáfora? Podemos concluir alguma conotação negativa, uma vez que Penélope afirma não gostar desta afirmação sobre si? O que poderíamos esperar de uma aranha?
- Quais seriam os sonhos ruins relatados por Penélope? Com quem ela se preocupava e qual o motivo dessas preocupações?
- Ao final desse capítulo, Penélope diz que os Deuses zombavam dos mortais. Como isso aparece nesta parte da narrativa? Como ela compara a relação entre escravos e senhores e entre mortais e deuses?

Professor, leve os alunos a perceberem que a relação dos deuses com os mortais não distinguem senhores de escravos, e que Penélope se compara como um cão vadio, um ser sem valor.

Logo após faz-se a leitura do “*Coro: Delícias, uma balada*”. A leitura poderá ser feita pelo professor para potencializar a interpretação dos alunos. Após a leitura abre-se espaço para a interação dos alunos e posteriormente faz-se a seguinte indagação:

- Qual a relação entre o sono de Penélope e os das escravas? O que eles revelam sobre cada uma das personagens?

Professor, leve os alunos a perceberem que para Penélope o sono trazia pesadelos, enquanto para as escravas descanso, paz, prazer, que era uma forma de se ter liberdade.

Ao término dessa atividade, combina-se com os alunos a leitura dos últimos capítulos para o círculo de leitura da próxima semana. Após todo esse processo, os alunos já possuem condição de terminar a leitura da obra de Margaret de forma individual e silenciosa. Orienta-se aos alunos que durante a leitura façam suas anotações sobre cada capítulo no diário para serem compartilhadas com os colegas na próxima semana. Ao final, o aluno deverá fazer um pequeno relato sobre a sua experiência com a leitura da adaptação de Margaret, ressaltando a principal mudança entre as duas obras lidas.

3.3- Depois a leitura

Atividade 1- Círculo de leitura dos últimos capítulos da obra de Margaret Atwood.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos cada.

Nesta etapa fecha-se a análise da leitura da obra “*A odisseia de Penélope*” dando-se ênfase ao contraponto entre a narrativa de Penélope e a do coro. Faz-se necessário salientar esse tema com os alunos, retomando este aspecto tão importante da adaptação de Margaret, dar voz a quem não a tinha. Para isso, dá-se voz aos alunos para que apresentem suas interpretações sobre a sua experiência leitora nessa adaptação. Pretende-se dar maior autonomia aos alunos nessa atividade, por isso o foco deve ser as contribuições trazidas por eles, as questões a seguir serão um apoio na construção dessa interpretação, sendo portanto subsidiária.

- Agora que vocês já terminaram a leitura da adaptação de Margaret, releiam o título e façam uma nova análise dele. Podemos dizer que a Odisseia é realmente de Penélope?
- Se vocês não tivessem lido o livro de Ruth Rocha teriam a mesma visão quando da leitura da adaptação de Margaret? Como a leitura da primeira obra contribuiu para a sua interpretação com relação à adaptação de Margaret?

Professor, leve os alunos a perceberem que por serem adaptações é necessário conhecer a narrativa base para então conseguir interpretar o que mudou e o que se manteve. Logo após, passa-se para os questionamentos a seguir analisando os aspectos mais fortes em cada capítulo.

- No capítulo “*Notícias de Helena*”, Telêmaco enfrenta sua mãe dizendo que deveria sair debaixo de sua saia e que as mulheres eram emotivas e que não demonstravam capacidade de raciocínio e julgamento. O que isso reafirma na relação social entre homens e mulheres? Telêmaco faz alguma diferenciação entre sua mãe e as demais mulheres? Podemos dizer que esse episódio reforça a ideia de que às mulheres cabiam somente a procriação já que o próprio filho a iguala às demais mulheres?
- Penélope pergunta sobre Helena a Telêmaco que mente para agradá-la. O

que isso o aproxima de Odisseu?

- Em “*Grito de Alegria*”, Penélope narra o retorno de Odisseu como mendigo. Ela declara que sabia que era Odisseu como confirma a seguinte expressão: “Não mostrei que sabia.” (p.90). Poderíamos dizer que esse seria mais um recurso da narradora para desconstruir mais uma vez a “*Odisseia*” de Homero?
- Penélope narra também a situação em que Odisseu encontra sua casa. Isso poderia ser considerado como uma justificativa para a morte dos pretendentes? Se sim, por qual motivo Penélope justificaria a ação de Odisseu?
- No capítulo “*Grito de alegria*”, Penélope se compara mais uma vez às artimanhas de Odisseu, se mostrando também ardilosa e em até certo ponto, irônica. Como identificamos isso no final do capítulo?

Professor, leia com os alunos o último parágrafo do capítulo e leve-os a perceber como Penélope se comporta e mostra que sua estratégia de fingimento teve êxito.

- Quais foram as calúnias que Penélope tentou refutar? Por qual motivo ela faria isso depois de tanto tempo e de já estar morta? Podemos acreditar em seus relatos ou seria tudo um meio para justificar seu comportamento?
- No coro “*Os perigos de Penélope, um drama*”, as escravas narram seu ponto de vista em relação às atitudes de Penélope. Em quem podemos acreditar? Qual relato nos parece mais convincente? Como Penélope age para tentar calar as escravas? Essa atitude de Penélope poderia ser considerada uma acusação por parte das escravas?
- A autora mais uma vez desconstrói a poesia épica ao colocar em contraste o drama, “(...) peça teatral caracterizada pela seriedade ou solenidade)” e o sapateado, “(...) dança popular caracterizada pelo martelar rítmico dos tacões dos sapatos no chão(...)” (Renaux, 2009, p. 156). Podemos dizer que isso contribui mais uma vez para o tom cômico da narrativa e o contraste entre o narrar de Penélope e o das escravas?

- No capítulo “Helena toma banho”, poderíamos concluir que o banho distingue Penélope das escravas? De que modo?
- Poderíamos ter outra interpretação em relação ao banho de Penélope já que esse capítulo aparece em sequência ao pedido que ela faz para que as escravas sejam mortas?
- Logo após temos o episódio do enforcamento das escravas por Telêmaco ao seguir as ordens dadas por Odisseu para matá-las. Penélope diz que estava dormindo durante o acontecido. O que isso pode sugerir? Será que Penélope tenta atenuar sua culpa já que a assume quando diz que errou ao não contar a Euricleia seu esquema com as escravas? Ou será que está somente tentando nos fazer pensar na atrocidade legalizada cometida pelos homens na época da *Odisseia*?

Professor, leve os alunos a perceberem a crítica que é feita ao lado obscuro do modo patriarcal da época da *Odisseia*.

- Em “*Uma aula de Antropologia*”, a narradora complementa a ideia narrada anteriormente, já que a aula é dada por mulheres que não são letradas (as escravas) mostrando, assim, o lado duo da história e desconstruindo a ideia tradicional de aula. Nesta aula as escravas nos levam a concluir o quê?
- Quais interpretações seriam possíveis para a expressão “Coração de Pedra” atribuída à Penélope? Será que ela realmente tinha um coração de pedra? Quais seriam seus reais objetivos ao se portar de tal modo?
- Logo após, tem-se “O julgamento de Odisseu, gravado em vídeo pelas escravas”. O fato do julgamento de Odisseu ter sido gravado em vídeo nos remete a quê? Por qual motivo Odisseu só foi julgado após tanto tempo?

Professor, leve os alunos a perceberem que o julgamento só foi possível no séc. XXI porque na época da *Odisseia* atos dessa estirpe eram considerados pela lei como aceitável e que as mulheres não tinham voz, muito menos os escravos, o

que hoje já não é assim. Muda-se o tempo e a cultura, muda-se os valores.

- Qual foi o resultado desse julgamento? Podemos dizer que isso confirma a superioridade masculina? Como isso ainda está presente nos nossos dias? Odisseu disse que foi em legítima defesa e que as escravas eram sua propriedade. Esse argumento ainda é usado para justificar atos contra as mulheres nos dias atuais? Alguns homens ainda veem as mulheres como posse, como objeto?
- Penélope tenta defender as escravas, contudo o advogado de defesa salienta que a época dos acontecimentos eram outras, já que o julgamento só acontece em pleno sec. XXI. Como esse argumento contribuiu para o desfecho da narrativa? Qual foi a única punição dada a Odisseu e por quem? Como poderíamos avaliar o fato de Odisseu ter tido uma punição extra judicial?
- Há uma certa ironia no título “Andamos atrás de você, uma canção de amor.” Como ela foi construída? Professor, retome com os alunos a ideia de oposição criada entre a expressão “uma canção amorosa” e o ódio expresso pelo coro das escravas.
- A “Despedida” é feita pela escravas e não por Penélope. O que isso tem a ver com a estrutura da obra? Quais seriam os motivos para ela terminar assim?

Professor, saliente com os alunos a estrutura que o romance tem, sempre capítulos narrados por Penélope e um pelo coro, num contraponto. A despedida também tem outra função, como a de todo coro da narrativa, a de zombar da história principal, como nos diz a própria autora em suas fontes “ Incluí um Coro que canta, dança e declama, em homenagem aos Coros da tragédia grega. A convenção de zombar da ação principal já estava presente na peças satíricas, representadas com as tragédias sérias.” (ATWOOD,P. 126), mais uma vez desconstruindo a história

contada por Homero.

Etapa 4- Produção do coro dramatizado.

Objetivo específico

Permitir aos alunos adaptar uma parte da narrativa de Margaret Atwood, fazendo uso da leitura em voz alta, do compartilhamento e de outros recursos culturais como meio para a produção textual.

A produção do coro dramatizado é uma variação do coro falado citado por Cosson. O autor traz que o coro falado é uma “atividade legítima de leitura literária na escola” (2021, p.109) e por isso necessária. O coro dramatizado, nessa atividade, consiste na recitação conjunta do coro das escravas, acompanhadas por instrumentos musicais, os quais podem ser substituídos por outros meios caso não se consiga algum instrumentista. Cosson comunica que a dramatização é a segunda prática de memorização e que se traduz num grande momento de interação entre alunos e texto e entre eles mesmos, além de ser uma “prática de leitura que requer a integração de várias linguagens artísticas e vem daí sua importância para a formação do leitor.” (2021, p.110), logo esta atividade levará os alunos a trabalhar não só com o texto literário, mas com todo um arcabouço artístico que permitirá ao discente aprofundar-se na sua interpretação do texto e conseqüentemente, ao docente, uma avaliação da interpretação feita pelos alunos.

O coro falado é “a recitação conjunta de um poema ou texto narrativo em que o som das vozes se alterna ou é emitido em uníssono, com ou sem acompanhamento musical” (COSSON, 2021, P. 109)

Atividade 1: Escolha do coro a ser dramatizado.

Duração da atividade: 1 aula de 50 minutos.

Inicia-se a atividade orientando os alunos quanto ao processo a ser realizado. Explica-se que a atividade terá por intuito uma produção textual dramatizada, ou seja, os alunos deverão escolher um dos coros das escravas e dar voz às mesmas através de um coro dramatizado, se colocando no lugar delas. Por esse motivo, deve-se excluir o coro do julgamento de Odisseu, uma vez que nele não são valorizadas as vozes nem de Penélope nem das escravas. O professor então explica para os alunos o que é um coro dramatizado e que a atividade será feita com o auxílio de instrumentos musicais. Pode-se ver se algum dos alunos têm habilidades musicais e se toca algum instrumento, ou dizer a eles que algum outro professor irá contribuir nesse quesito, no nosso caso o professor de geografia que também é músico, ou mesmo dizer que será utilizado outro meio para se obter tal resultado: palmas, bater dos pés, sons vocais ou outro. Coloca-se para os alunos que o coro será divulgado em uma página da escola como meio de divulgação do trabalho realizado por eles e também da obra trabalhada. Caso a escola não tenha uma página virtual, esta poderá ser criada pelos próprios alunos.

Logo após, faz-se a escolha do coro a ser trabalhado pela turma. Salienta-se que deve ser um coro só e que todos os alunos precisam trabalhar juntos nessa atividade que será uma produção coletiva. Após a escolha do coro, divide-se a participação de cada grupo de alunos. Por exemplo, quem fará cada fala, quem irá se trazer algum instrumento de fundo, quem fará algum ruído, sempre levando em conta o que o coro escolhido tem como característica. Logo após pede-se aos alunos que treinem em casa sua participação para na próxima semana fazer-se um treino coletivo e a gravação do coro.

Atividade 2: Treino e gravação do coro dramatizado.

Duração da atividade: 2 aulas de 50 minutos.

Começa-se a atividade com o treino e as primeiras gravações, dando espaço entre elas para correções e adaptações necessárias, até que se tenha uma gravação que possa ser publicada na página da escola. Os próprios alunos devem ficar responsáveis por avaliar a gravação e fazer as adaptações necessárias, cabendo ao professor somente orientá-los. Após obter uma gravação satisfatória, os alunos farão a publicação na página da escola divulgando o trabalho entre os demais alunos da escola.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro. ABNT, 2011. MARÇAL

ATWOOD, Margaret. **A odisseia de Penélope**; tradução de Celso Nogueira.-1a ed.- Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. 1a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC SEF, 1998. BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Portuguesa. Brasília: MEC SEF, 1998.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. 2a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 4a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/São Paulo: Duas cidades, 2004, p.169-191.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **O diálogo intertextual em A odisséia de Penélope, de Margaret Atwood**, UNIGRANRIO <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/31>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho. **Foco narrativo e fluxo da consciência: questões de teoria literária** <https://books.google.com.br/books?hl> . Acesso em: 10 maio de 2022.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens no Brasil e seus adaptadores**, Prof. Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho, UEMA, 2008 http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/DIOGENES_CARVALHO.pdf. Acesso em: 10 jun. 2022.

CASTRO, Elis Crokidakis, OLIVEIRA, Sandra Verônica Vasque Carvalho de- **A Odisseia de Penélope** - UNESA - UFRJ <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ellinikovlemma/article/view/31384>. Acesso em: 16 de nov. de 2022. Acesso em: 10 no. 2022

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 29 de 2007.

CORREIA, Hércules Tolêdo. **Letramento literário na escola**. In: **Ensino de linguagem: perspectivas teóricas e práticas pedagógicas**. Lúcia Furtado de Mendonça Cyranka e Tânia Magalhães (organizadoras). Juiz de Fora: editora UFJF, 2016.

COSSON, R. **Letramento literário**. 2a ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

EVEN-ZOHAR, I. **O sistema literário**. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha, Revista Translatio, n. 5, 2013.

____. **Teoria dos polissistemas**. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha, Revista Translatio, n. 5, 2013.

FREITAS, Daniela da Silva de. **A odisseia segundo Penélope, por Margaret Atwood**, Universidade federal de Alfenas, Alfenas, MG, Brasil, 2021

<https://www.scielo.br/j/ides/a/Fj9n6gYjv9R3F44fc46GgcL/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

<https://www.ruthrocha.com.br/biografia>. Acesso em 20 de maio de 2022.

<https://www.tirodeletra.com.br/biografia/MargaretAtwood.htm>. Acesso em 20 de maio de 2022.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 1996.

JOUVE, V. **A Leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

JOUVE, V. **A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas**. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura**- Annie Rouxel, Gérard Langlade e Neide (organizadores). São Paulo, Ed. Alameda, 2013.

KLEIMAN, A. **Abordagens da leitura**. Revista Scripta, 8(14), 13-22. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12538>. Acesso em 10 de maio 2022

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Faculdade de Letras - Mestrado Profissional em Letras / PROFLETRAS

PORTOLOMEUS, A; RODRIGUE=pt-BR&lr=&id=dTMNEAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=o+narrador&ots=DRCwoEg4Qt&sig=tDL9B-uDc4W9yGCCv-WBHQg93jQ. Acesso em: 20 de julho de 2022.

MIGUEL Maria de Fátima. **RUTH ROCHA, página a página: bibliografia de e sobre a autora**. MAF Miguel - 2006 - repositorio.unesp.br

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94136>. Acesso em: 19 de junh. de 2022

PAULINO, Graça. **Formação de leitores: a questão dos cânones literários**. Revista Portuguesa de Educação, vol. 17, núm.1, 2004, pp.47-62. Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Paulino, G. (2007). **Letramento Literário: Por Vieiras e Alamedas**. Revista *Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 6(5). <https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v6i5.2842>

PAULINO, G.; COSSON, R. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha, Revista Translatio, n. 5, 2013.

Retratos da leitura no Brasil- 5º edição

https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_IPL_dez2020-compactado.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

ROCHA, Ruth. **Ruth Rocha conta a Odisseia**. São Paulo: Editora Salamandra, 2011.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**/ Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.] São Paulo:Parábola Editorial, 2012.

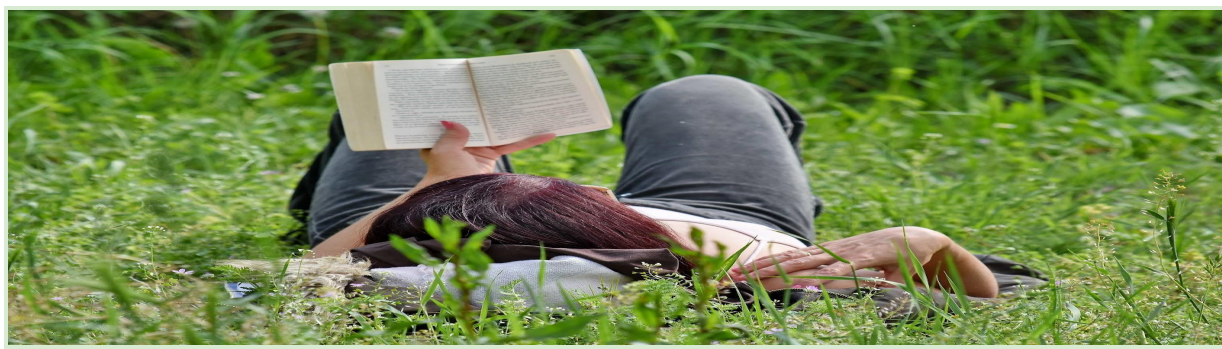
www.remessaonline.com.br/blog/como-fazer-um-podcast. Acesso em jan. de 2022.

WILKINSON, Philip. **Mitos e Lendas**. Tradução Angela Maria Moreira Dias, Jefferson Luiz Camargo e Simone Campos. Coordenação e revisão da tradução Marcelo Brandão Cippola. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Anexos

1- Fichas de função

FICHAS DE FUNÇÃO- Conector



Sua função será ligar a obra com a vida, com o momento atual. O que tem nela que nos remete aos nossos dias? Quais os problemas sociais? Como o papel da mulher na sociedade antiga "explica" o que a mulher vive nos dias atuais? Outras questões que vocês acharem relevantes.

FICHAS DE FUNÇÃO- Questionador



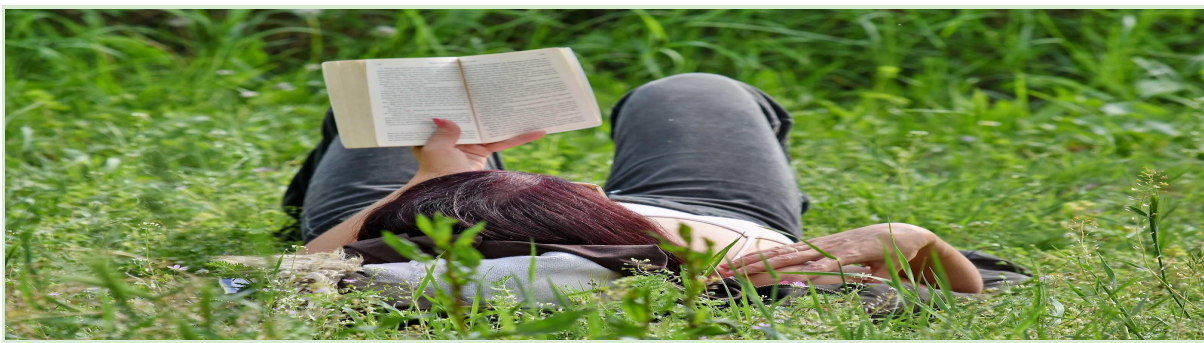
Sua função é preparar perguntas sobre o capítulo para seus colegas. Seja criativo e atente-se para questões que não interessar ao grupo.

FICHAS DE FUNÇÃO- Ilustrador



Sua função será fazer um desenho que ilustre a parte II. Se acharem melhor, podem trazer imagens para ilustrar a obra. Essas imagens podem ser as mais diversas, desde que estejam de acordo com o que está sendo tratado no enredo.

FICHAS DE FUNÇÃO- Dicionarista



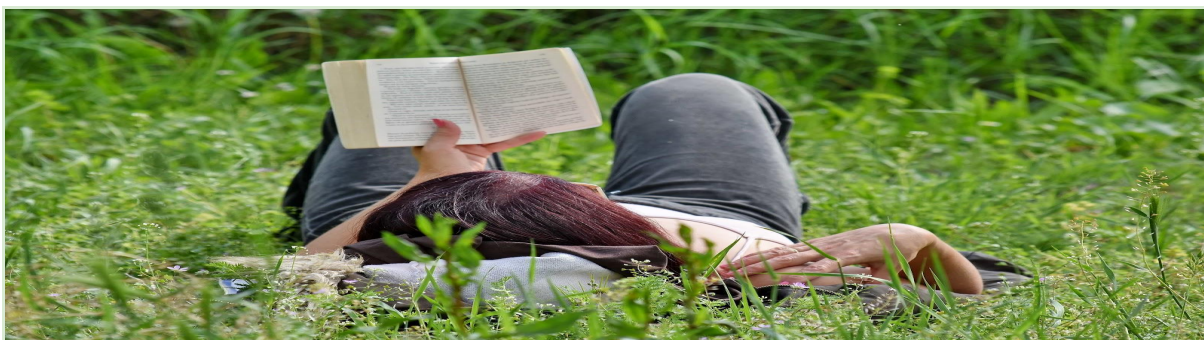
Sua função será trazer palavras desconhecidas ou que são essenciais para o entendimento do texto. Pesquise-as e traga o resultado para dividir com o grupo.

FICHAS DE FUNÇÃO- Cenógrafos



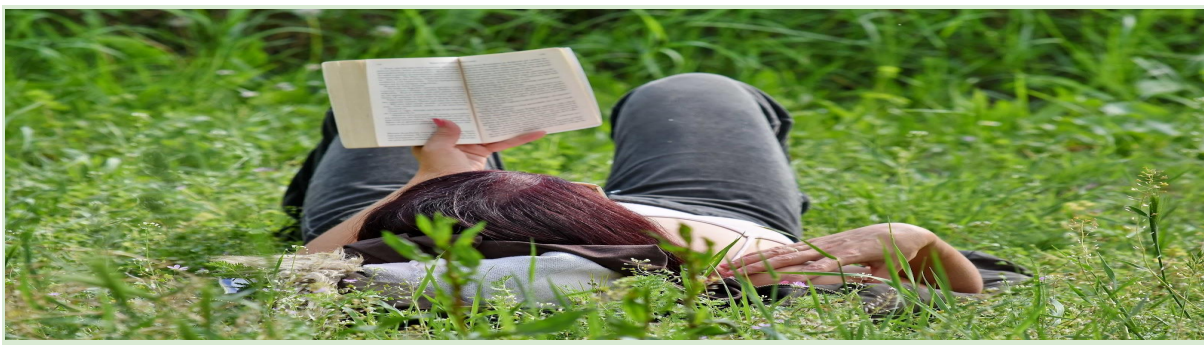
A função de vocês será descrever as principais cenas do capítulo. Vocês ficarão responsáveis pelas cenas que aparecem nos capítulos 9 e 10.

FICHAS DE FUNÇÃO- Cenógrafos



A função de vocês será descrever as principais cenas do capítulo. Vocês ficarão responsáveis pelas cenas que aparecem nos capítulos 11 e 12.

FICHAS DE FUNÇÃO- Perfilador

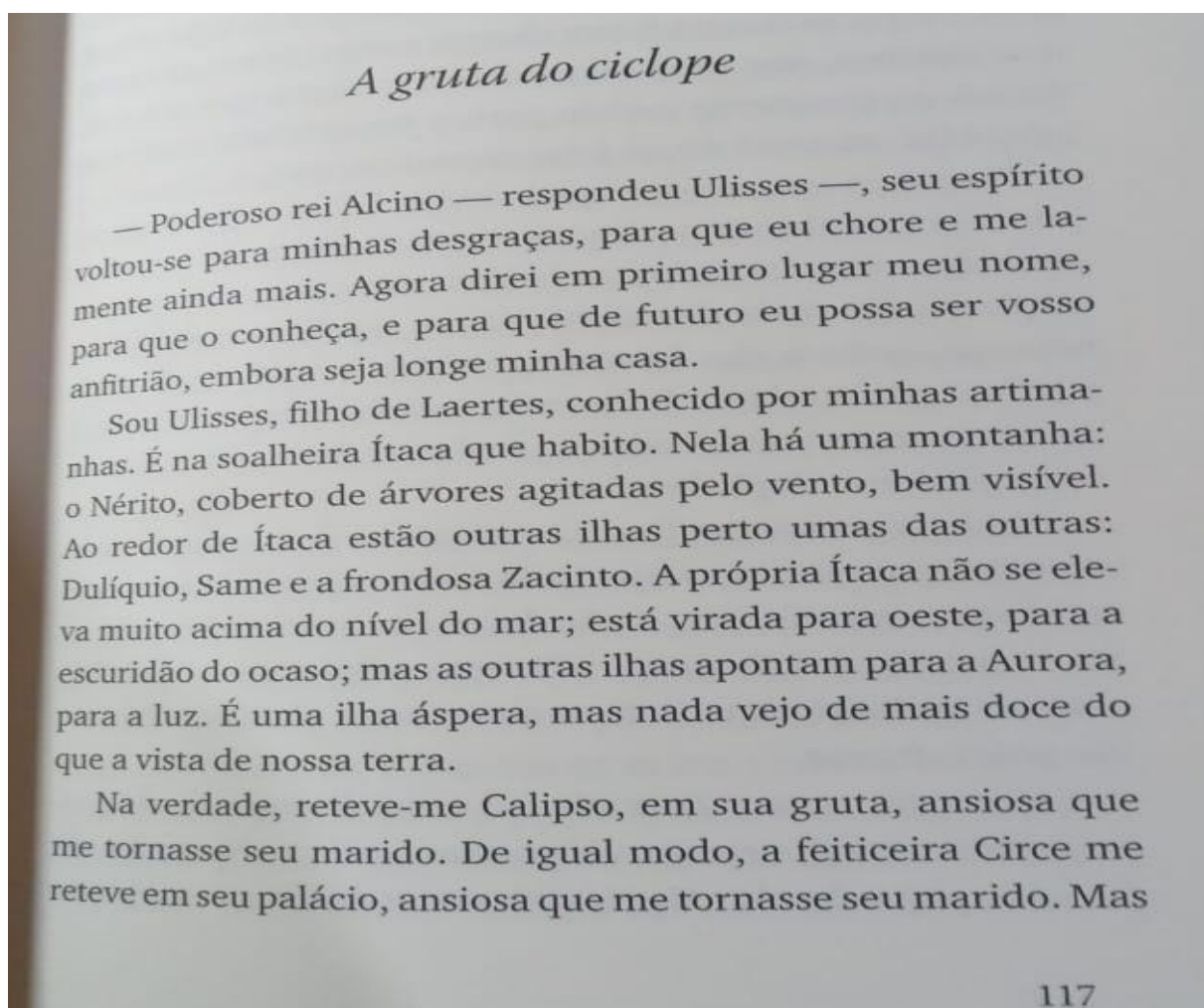


Sua função será traçar o perfil das principais personagens, das mais interessantes.

2- Foco narrativo

Foco narrativo.

Observe o fragmento abaixo retirado da obra de Frederico Lourenço, *A Odisseia de Homero*, e compare-o com o início da segunda parte da narrativa de Ruth Rocha.



Agora responda:

1. Qual o foco narrativo utilizado na obra de Frederico? Por qual motivo ele conta a história em primeira pessoa? Professor, leve os alunos a perceberem que o autor quis ser mais fiel possível a história original, por isso coloca a própria fala do personagem.
2. E Ruth Rocha, usa qual foco narrativo? Qual será o possível motivo para ela usar esse foco narrativo? O que isso revela sobre a narradora? Professor, alerte os alunos para o fato de que Ruth Rocha se coloca como uma contadora de histórias.

3- Leitura expandida

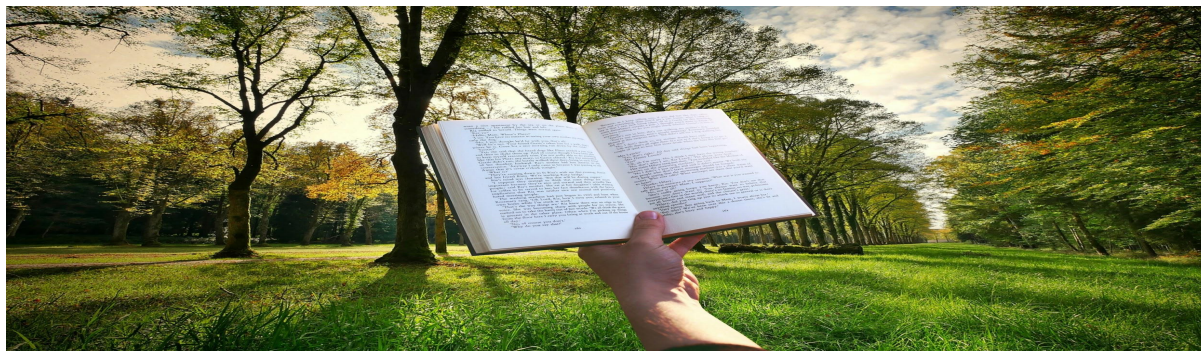


Leitura expandida

As perguntas devem ser respondidas no diário de leitura

- 1- Observando as características apresentadas pelo texto, podemos afirmar alguns aspectos do momento histórico da narrativa. Como é o modo de viver das pessoas? Quais são suas crenças? O que eles valorizam?
- 3- Quais as principais diferenças entre os personagens de Ulisses e Penélope na narrativa? Ambos foram importantes dentro da narrativa. Então porque somente Ulisses foi tido como herói e Penélope foi relegada a mulher virtuosa que esperava pelo marido? Professor, leve-os a perceber a relação da figura do herói com o momento sociocultural da época.
- 4- Os deuses têm uma importância significativa na narrativa. Quais deles influenciaram mais na história e como? O que eles têm em comum e o que os diferencia dos seres humanos?
- 5- A imagem do herói Odisseu foi construída através de relatos, alguns dele próprio e outros de narradores. O que a construção desta imagem representa sobre a sociedade da época? Professor, leve-os a perceber que Odisseu representava a sociedade patriarcal da época, a qual estava centrada na figura masculina e que sua imagem foi construída de acordo com histórias contadas por homens.
- 6- Como era organizada a sociedade grega? Quem estava no poder?
- 8- Qual era a situação da mulher?
- 9- E as crianças? Temos muitas informações sobre elas no texto? Mostrar que as crianças não faziam parte ainda da sociedade. Telêmaco só pode tomar atitudes porque já havia atingido a idade adulta.
- 10- O que cabia ao Homem? Qual era o papel dele na sociedade grega? Uma mulher poderia assumir a figura do herói nessa sociedade?

4- *Texto de apoio*



Texto de apoio

OS CORPOS DE HOMERO

Cahuane Corrêa e Marcelo Moraes e Silva

No período que a obra retrata, a questão do cuidado com corpo era bastante enaltecida, visto que o corpo belo e forte era exaltado, pelo intenso controle corporal e a utilização do mesmo para benefício dos indivíduos e da sociedade. Então surge o corpo do guerreiro, responsável por manter a segurança da cidade e a captação de recursos. Para um guerreiro ser considerado um herói, enaltecido e temido por todos, deveria ter algumas excelentes características, como: boa estatura, membros fortes, agilidade, força, esperteza no manejo de armas, caráter impecável, inteligência, engenhosidade e boa fala. Na sequência dessa “hierarquia” de divisões sociais, encontramos o corpo do velho, que vem a ser um guerreiro de outrora que não goza mais da vitalidade.

O velho era considerado sábio, aconselhava nas questões do funcionamento da cidade e nas questões de guerra, ensinando e acompanhando os jovens nesse quesito. Ainda utilizava seus conhecimentos e a força restante para proteger e manter o bom funcionamento da cidade. No outro extremo ao respeito pelo guerreiro e pelo velho, encontramos as mulheres, escravos e mendigos, que serão abordados a seguir.

A mulher é considerada frágil e passível de aceitar as imposições dos homens, pois é vista como fraca fisicamente e das suas faculdades mentais. Porém, em

contrapartida a essa fragilidade, encontramos as Amazonas, muito citadas por Homero, por tratar-se de mulheres guerreiras que combatiam como homens.

Abaixo das mulheres na hierarquia social encontramos os escravos e mendigos. Os escravos eram predominantemente mulheres, pois eram usurpadas de suas cidades derrotadas e destruídas, pois ao ganhar uma guerra, ao vencedor reserva-se o direito de saquear e “recrutar” escravos da cidade derrotada. Como a maioria dos homens participavam das batalhas, restavam vivas somente as mulheres e crianças. Essas mulheres eram utilizadas como domésticas, cuidando da casa e dos filhos dos nobres. Muitas vezes eram utilizadas também para trabalhos sexuais. Os escravos se caracterizam pela “coisificação” do corpo, pois há um enorme ultraje do mesmo, visto que deixa de se ter um controle sobre ele. Já o mendigo caracteriza-se como escória da sociedade, pois há a falta de cuidado com o corpo e a recusa do trabalho, sendo assim não contribui em nada com o bom funcionamento da cidade.

Retirado de [OS CORPOS PRESENTES NAS OBRAS DE HOMERO “ILÍADA” E “ODISSEIA” Cahuane Corrêa¹ Marcelo Moraes e Silva² PALAVRAS-CHAVE:](#)

5- Atividade de produção de Podcast literário

Atividade de Produção de Podcast Literário-

Orientações

1. Escolha uma dos episódios a seguir para produzir seu podcast:
 - a) Penélope tece e destece a mortalha de seu sogro. (p. 88)
 - b) A disputa com o arco de Ulisses. (p.95- 99)
 - c) Teste da cama para provar Ulisses. (p.104 e 105)
2. Qual é o objetivo desse podcast?
3. Qual é o seu público alvo?
4. Como faço para meu podcast se destacar?
5. Escolha um nome e um mix para introduzir seu podcast. Eles devem ser atrativos.
6. Faça uma pequena descrição para o seu podcast.
7. Faça a reprodução do texto escolhido para se prepararem para a gravação. Escolham o modo como essa narrativa será contada e treinem antes de começar a gravação. Lembrem-se que a narradora será Penélope, então o ponto de vista dela deve ser considerado. Preparem o roteiro para a gravação.

➤ Para a gravação.

1. O roteiro está pronto? Se não o façam antes de iniciar.
2. Faça uma gravação teste primeiro.
3. Seu podcast deve ter uma duração entre 10 e 20 minutos.
4. Grave alguns segundos antes de começarem a gravar a fala para evitar cortar alguma parte.
5. Escolha um local silencioso para fazer a gravação, com isso você evitará ruídos.
6. Tentem manter uma distância adequada do aparelho (celular, computador...) que vocês escolheram para fazer a gravação. Esta gravação pode ser só voz ou em vídeo.
7. Edite seu texto. Você pode cortar algum trecho, inserir uma trilha sonora ou comentários, fazer uma introdução.

➤ Revise seu podcast e veja se está tudo ok para a publicação.

6- Roteiro para o Podcast

ROTEIRO PARA A PRODUÇÃO DO PODCAST LITERÁRIO

Esta é apenas uma proposta de roteiro para a produção de seu podcast. Você pode fazer as alterações que julgar necessário. Lembre-se que o podcast é uma forma de diálogo, como se fosse um programa de rádio. Assista abaixo os vídeos sugeridos, ou partes deles, para que vocês possam produzir um bom roteiro e conseqüentemente, um bom podcast. Pesquisem mais sobre o assunto.

<https://youtu.be/5ARvT7LsVLo>?t=70 Modelo de podcast

<https://youtu.be/R79pKrXGii4>?t=79 Modelo de podcast

<https://youtu.be/qAoCjG1DCVo>?t=12 Como fazer um podcast literário.

1- INTRODUÇÃO:

Quem e como será feita?

Qual será a vinheta e quando ela entrará no podcast? quem será responsável por ela?

Descreva seu podcast. Quem será o responsável pela descrição?

Apresentem-se e apresentem a obra que será trabalhada de forma breve. Lembrem-se de falar o nome do podcast.

2- A REPRODUÇÃO DO TEXTO:

Como faremos essa reprodução de forma oral?

Quem fará essa parte?

Quem irá dialogar com essa parte? Quais informações será legal colocar aqui?

Seria interessante colocar a voz dos deuses (as) de forma diferenciada?

3- Despedida:

Cada um deve se despedir. Qual será a ordem da despedida?

O que cada um vai falar nessa despedida?

Qual será a vinheta de despedida? Será a mesma do início?

